

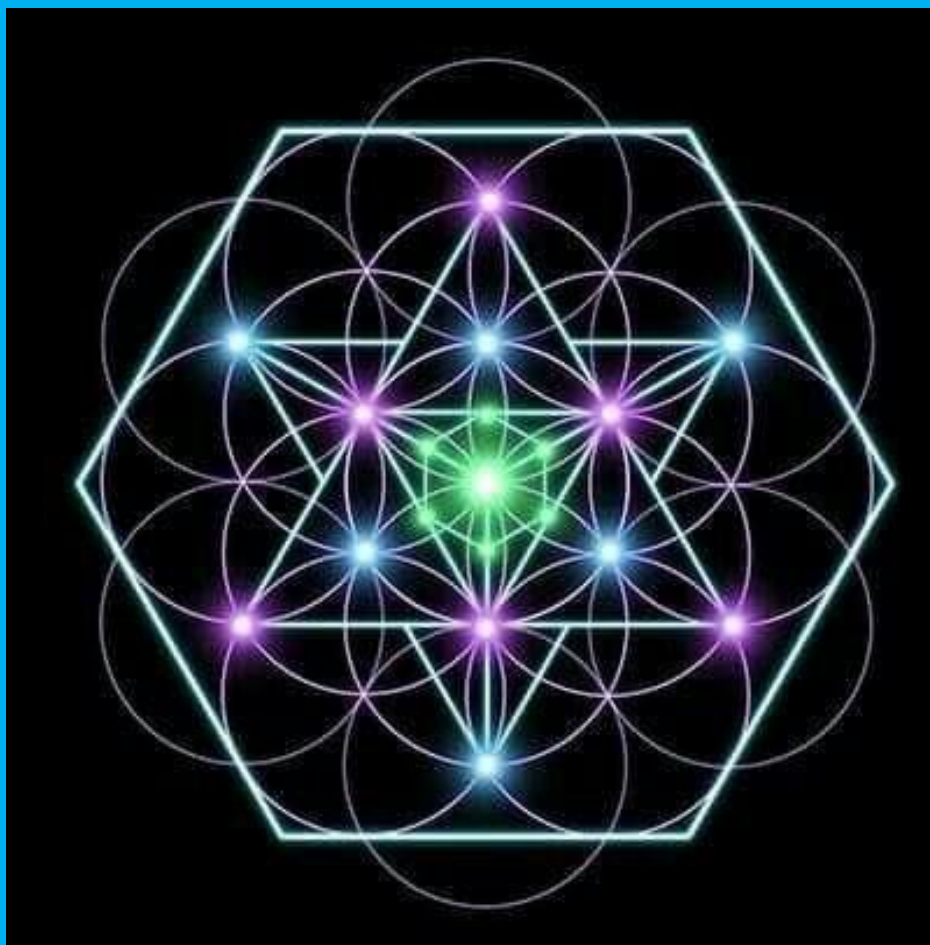


Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org



2022

Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos.

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação

que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a ideias e verdades diferentes das nossas.

E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados. Enviar para: cel5zen@gmail.com



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Criação, editoração e coordenação geral

Maria **Celeste Carneiro** dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Instituto Hólon - BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia).

Membro da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>



CONSELHO EDITORIAL

Priscila Peixinho Fiorindo

Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Francesca Freitas

Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSP em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSP, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSP, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi

Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Mu-

psicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da Oscip *Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora: Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AATESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira

Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumerais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Pedro Teixeira da Mota

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos

Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Glícia Conceição Manso Paganotto

Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em

Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo

Psicólogo transpessoal e doutor em psicologia pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicologia Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar*. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros:

Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas; Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar; Transtornos Mentais sob um Novo Prisma. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira

Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha

Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora

de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas

Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares

Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças, no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi

docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González

Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Lívia Maria Costa Sousa

Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e

desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluindo as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurriculo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados para o e-mail: cel5zen@gmail.com



CONTATO

Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro
 CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
 Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil



CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
 ASBART 0036/0906 / ALUBRAT 201740
 Telefone: 71 - 98874-1155
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
 ou gildemar@ufba.br



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022
ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|---|--------------|
| <p>1 – ENSAIO TRANSPESSOAL PARA AÇÃO TRANS-POLÍTICA
<i>TRANSPERSONAL ESSAY FOR TRANS-POLITICAL ACTION</i>
Luiz Eduardo V. Berni</p> | <p>p. 10</p> |
| <p>2 – A DÉCADA DE 1950: OS “ANOS DOURADOS” BRASILEIROS
Luiz Afonso Simoens da Silva</p> | <p>p. 20</p> |
| <p>3 – CRIAR: DO CAOS À ORDEM
Celeste Carneiro</p> | <p>p. 39</p> |
| <p>4 – ARTE REABILITAÇÃO EM INTERFACE COM A REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA
Propostas e reflexões sobre a prática e instrumentos na intervenção
Mires Najjar</p> | <p>p. 40</p> |
| <p>5 – TUDO PASSA
Lucymeire Ferraz</p> | <p>p. 49</p> |

Ainda na comemoração do 10º ano da Revista Transdisciplinar fizemos pequena alteração no visual.

Capa: Geometria Sagrada

<https://br.pinterest.com/> e <https://i.pinimg.com/originals/2c/0d/66/2c0d66fdd92a7afa5f676a34dbaa7496.jpg>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

1 – ENSAIO TRANSPESSOAL PARA AÇÃO TRANS-POLÍTICA *TRANSPERSONAL ESSAY FOR TRANS-POLITICAL ACTION*

Luiz Eduardo V. Berni*

Resumo

Este trabalho transdisciplinar foi fomentado a partir de demanda de ex-alunos do autor, que o procuraram em busca de orientação frente ao sofrimento psíquico vivenciado por uma sensação de impotência sociopolítica, durante a pandemia da COVID19 em 2021. Acolhida a demanda realizou-se um evento que, a partir do texto disparador transdisciplinar de Basarab Nicolescu (1999), que trata da necessidade de equilíbrio entre os arquétipos masculino (efetividade) e feminino (afetividade), gerou a presente reflexão, realizada em diálogo com as falas dos participantes, com o conteúdo científico e filosófico da abordagem transdisciplinar e com o poema de “Pátria Minha” de Vinícius de Moraes. O método adotado foi o do ensaio teórico. O trabalho é apresentado em três tópicos que refletem: 1) a demanda; 2) o evento e a reflexão e 3) a interpretação do poema. A conclusão é de que os transpessoais realizam ações efetivas de cunho afetivo, mas que não se dão conta de tais ações.

Palavras-chaves: trans-política, transdisciplinar, transpessoal, arquétipo, Vinícius de Moraes

Abstract

This transdisciplinary work was fostered from the demand of the author's former students, who sought him out in search of guidance in the face of the psychic suffering experienced by a sense of sociopolitical impotence, during the COVID19 pandemic in 2021. event that, based on the transdisciplinary trigger text by Basarab Nicolescu (1999), which deals with the need for balance between the masculine (effectiveness) and feminine (affectivity) archetypes, generated the present reflection, carried out in dialogue with the speeches of the participants, with the scientific and philosophical content of the transdisciplinary approach and with the poem “My Homeland” by Vinícius de Moraes. The method adopted was the theoretical test. The work is presented in three topics that reflect: 1) the demand; 2) the event and the reflection and 3) the interpretation of the poem. The conclusion is that transpersonal perform effective actions of an affective nature, but that they are not aware of such actions.

Keywords: trans-politics, transdisciplinary, transpersonal, archetype, Vinícius de Moraes

* **Luiz Eduardo V. Berni** é psicoterapeuta humanista-transpessoal, doutor em psicologia (USP), mestre em ciências da religião (PUCSP). Membro fundador do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS), foi coordenador geral da Universidade Rose-Croix Internacional, da jurisdição de língua portuguesa (URCI-GLP), atualmente é pesquisador do Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD). Contato: berni@alumni.usp.br

APRESENTAÇÃO

Este ensaio se dá a partir da reflexão transpolítica fomentada por Nicolescu (1999) que apresenta o desequilíbrio sociopolítico vivenciado no presente como sendo o da primazia da *efetividade* do masculino, sobre a *afetividade* do feminino. A tese defendida é de que nos círculos transpessoais e espiritualistas há um grande desenvolvimento da capacidade afetiva e uma dificuldade de perceber ações efetivas que podem ser realizadas e/ou que são realizadas sem que sejam percebidas.

A proposta é desenvolvida em três tópicos. No primeiro, apresenta-se a demanda recebida de alunos do campo transpessoal, que vivenciavam sofrimento ao se sentirem incapazes de agir para transformar a realidade, elemento que gerou um evento a partir do qual se construiu a presente reflexão. No segundo tópico apresentam-se os fundamentos da transpolítica de acordo com Nicolescu (op. Cit.), cujos conceitos são apresentados a partir de diagramas e das falas dos participantes no já mencionado encontro. Por fim, apresenta-se uma interpretação transpolítica do poema de Vinícius de Moras “Pátria Minha”, utilizada nesse mesmo encontro para ilustrar a dimensão transpolítica a partir da Carta da Transdisciplinaridade (UNESCO, 1994).

O ENCONTRO DE AÇÃO TRANSPOLÍTICA

Recentemente o autor foi procurado por ex-alunos do campo transpessoal. Estavam angustiados com a situação vivida no Brasil em tempos de pandemia e com a necessidade de realizarem alguma ação “concreta” no momento restritivo e polarizado que todos vivíamos. O pedido foi o seguinte:

Caro professor, fui seu aluno e estou me debatendo com uma questão ética e lembrei muito da sua aula. Perante a situação atual da pandemia e da falta de gestão no Brasil, fico me perguntando como atuar efetivamente na sociedade para contribuir para uma transformação real. Será que poderíamos bater um papo rápido? (sic)

Acolhi a demanda numa conversa e desta surgiu um evento (gratuito), o “Encontro de Ação Transpolítica”.

A proposta foi a seguinte:

O meio transpessoal e espiritualista é permeado de práticas sutis que visam a construção do bem-estar a partir da emissão de boas vibrações. Não há dúvida de que manter um padrão elevado de pensamentos contribuiu para a manutenção do equilíbrio emocional daqueles assim engajados. Muitas pessoas, entretanto, têm sentido um gigantesco incômodo, pois entendem que é preciso mais. É necessário agir de forma a contribuir para a criação de uma ação social e política mais efetiva para além do campo sutil, pois a gravidade da situação que vivemos é tão densa que apenas a emanção de boas vibrações não é mais suficiente. Assim, colocar literalmente a “mão na massa” torna-se fundamental. A partir de referenciais transdisciplinares e éticos o Encontro de Ação Transpolítica, promovido pelo Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD), será uma jornada de utilidade pública, que visa levar os participantes a estratégias efetivas de ação política e social, de modo a contribuir para a construção de uma realidade fraterna e justa. O encontro se destina prioritariamente a pessoas envolvidas no campo da Psicologia Transpessoal, Transdisciplinaridade, Espiritualidade e simpatizantes. A metodologia de trabalho será a Roda de Conversa.

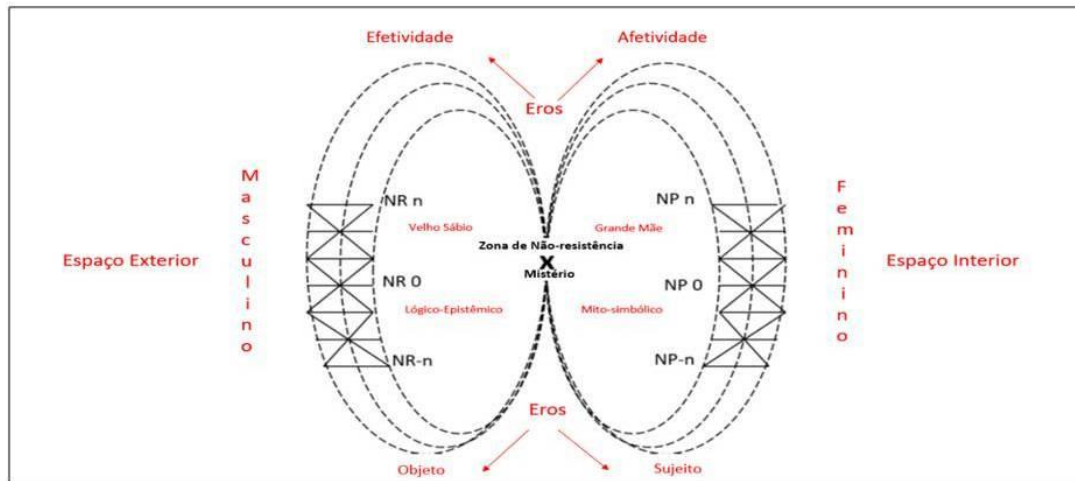
Uma divulgação muito tímida foi realizada no Facebook. Os interessados foram convidados a se inscreverem por meio de um formulário do Google, onde declararam as razões pelo interesse no encontro. Os motivos dos inscritos (N= 12) podem ser resumidos numa necessidade de agir, de fazer mais para transformar a realidade, frente a um sentimento de estagnação e impotência que vivenciavam. Uma ação alinhada com os princípios da Psicologia Transpessoal.

A reflexão sobre essa demanda ensejou a seleção de um texto que pudesse disparar a discussão no evento. A escolha recaiu sobre

o capítulo “*Feminiliação social e dimensão poética da existência*” do livro *Manifesto da Transdisciplinaridade* de Basarab Nicolescu (1999).

Segundo Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade é focada no desenvolvimento de pontes entre os diferentes campos do conhecimento.

DIAGRAMA 1 – Equilíbrio Objeto-Sujeito Transdisciplinar



Os diagramas foram criados/adaptados pelo autor, a partir de um diagrama original apresentado por Nicolescu (2002)

No dia do evento, algumas pessoas chegaram sem inscrição e os trabalhos contaram com a presença de quatorze participantes, além do facilitador, o autor. O encontro ocorreu no dia 29/03/2021, das 19h30 às 21h30, via plataforma Zoom, com a seguinte estrutura: 1) Harmonização (10'); 2) Apresentação da proposta do encontro (5'); 3) Apresentação dos participantes (25'); 4) Discussão do texto (15'); 5) Debates (50'); 6) Encerramento (10').

Os participantes eram oriundos de três instituições: UNIPAZ, ALUBRAT, APTD. Em sua maioria oriundos da área das Ciências Humanas, profissionais ligados ao mundo corporativo (RH, Marketing, Vendas, Compliance) e, também, ao campo da Educação e Saúde. Um dos profissionais era da área de T.I. (Tecnologia da Informação).

A NECESSIDADE TRANS-POLÍTICA DE AÇÃO

A reflexão que se apresenta a seguir partiu da escuta ao grupo de participantes desde a declaração de interesse até as falas ocorridas durante o evento, que foi gravado. Esses elementos foram colocados em diálogo com o texto disparador enviado aos participantes.

Trata-se de uma abordagem sobre a qual pode-se encontrar os fundamentos epistêmicos da Psicologia Transpessoal que, de certa forma, originou a busca dos participantes pelo evento: “*Quero agir com base nos chamados valores positivos, base da Transpessoal, mas tenho dificuldade em encontrar caminhos práticos para isso*” (sic). “*Ser transpessoal ao meu ver é ser mais que tudo um AGENTE de mudança*” (sic). (Nicolescu, 1999).

Ao apresentar sua proposta transdisciplinar, Nicolescu (op. cit.), parte de uma visão de equilíbrio entre o Sujeito e o Objeto da transdisciplinaridade, ou entre os *Níveis de Realidade*¹ (NR) e os *Níveis de Percepção* (NP) a eles correspondentes, ou ainda, entre *Efetividade lógico-epistêmica* – elemento masculino; e a *Afetividade mito simbólica* – elemento feminino (ver diagrama 1).

Entretanto, o autor avalia haver na sociedade contemporânea, um desequilíbrio que pende para o masculino (exterior), uma busca desenfreada pela efetividade (eficácia) em detrimento do espaço feminino (interior), da afetividade que, na atual conjuntura poderia

¹ N.R. é um conceito-chave em transdisciplinaridade, tratando-se de seu objeto de estudo. Um NR é um conjunto de sistemas invariáveis que age sob a lógica <http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

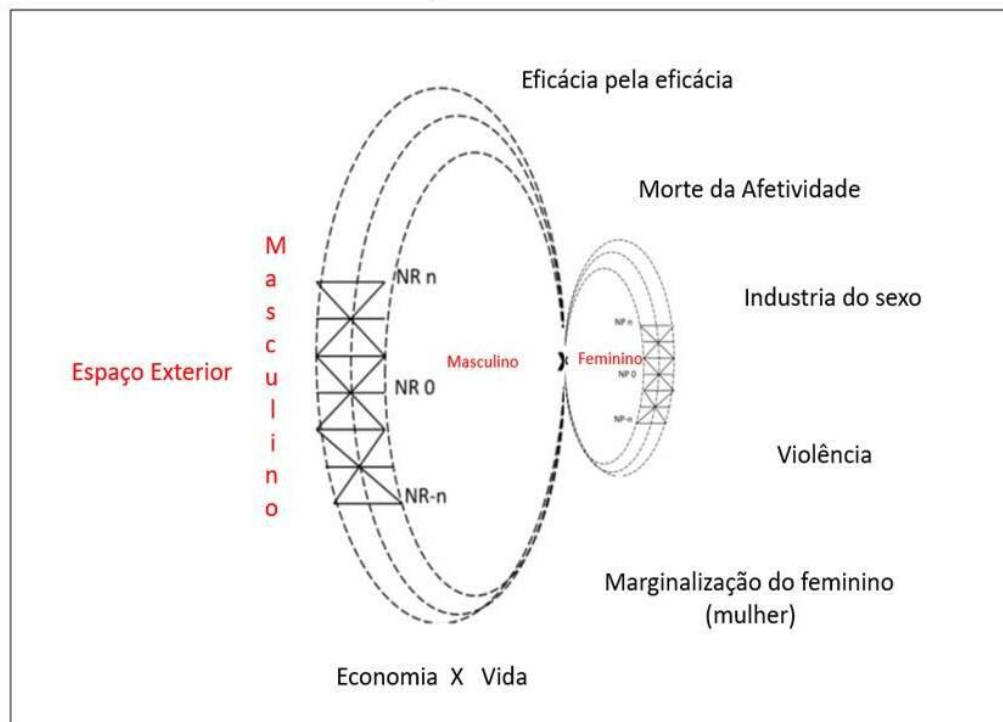
ser “declarada morta”, o que gera inúmeros problemas sociais que são vivenciados na contemporaneidade (ver diagrama 2), fruto de um longo processo histórico. Esse desequilíbrio impede a correta fluência da energia que traz sentido (Eros). Portanto, o subdesenvolvimento da afetividade (dimensão feminina da realidade) equivale a “sua morte” e a causa de inúmeros problemas sociais manifestos, por exemplo, na violência contra a mulher, e na priorização da economia em detrimento da vida. Situações que levam, e fomentam, oposições extremas e irreconciliáveis, próprias do ambiente sócio-político vivenciado nos dias atuais.

(efetiva)” (NICOLESCU, 1999, pág. 91 – parênteses nossos).

A Psicologia Transpessoal, por sua vez, assim como algumas práticas espiritualistas, centra-se na procura pelo autoconhecimento por meio de uma espiritualidade laica, que objetiva a atribuição *poiética* do sentido (último) da vida (PINEAU, 2000).

Desta forma, apropriando-nos do conceito trans-político, levanta-se a hipótese de que, pessoas que se submeteram a processos de autoconhecimento por períodos contínuos, quer seja como os alunos dos cursos de pós-graduação, bem como aquelas que passaram por processos terapêuticos, podem

DIAGRAMA 2 – Desequilíbrio Efetividade X Afetividade



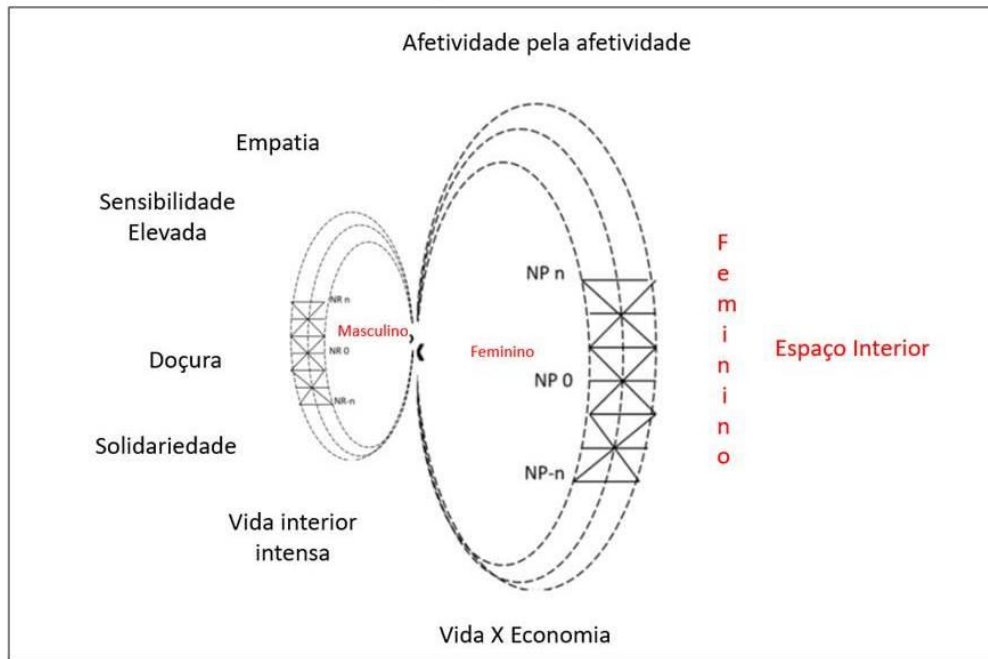
Assim, postula-se a necessidade urgente do desenvolvimento de uma *atitude transdisciplinar*, uma postura de equilíbrio, capaz de promover a reconciliação entre a efetividade masculina e a afetividade feminina. Tal postura seria de ordem *trans-política*² “baseada no direito inalienável de todo ser humano, a uma interação harmoniosa entre sua vida íntima (afetiva) e sua vida social

vivenciar uma relação inversa à exemplificada no diagrama 2, ou seja, possuem alta afetividade, sensibilidade e vida interior abundante. Tendem a valorizar a vida em detrimento da economia, são solidárias, mas vivenciam intensos sentimentos de frustração, pois sentem que não conseguem agir frente a uma realidade opositiva (ver diagrama 3).

“E não estou me contentando com as práticas mais internas, transcendentais ou sutis, tão importantes em outros âmbitos. Mas o momento

² Optou-se pela grafia *trans-política* ao invés de *transpolítica* em função da segunda abarcar conceitos do campo sociológico que se encontram diretamente ligados ao campo transdisciplinar, conforme descrito neste ensaio.

DIAGRAMA 3 – Desequilíbrio Afetividade X Efetividade



pede ação no mundo.” (sic) (Aluno 1).

“Sinto que há uma estagnação de ações mais ativas diante do que estamos vivendo no País. Estamos passando por um dos momentos políticos mais caóticos que o Brasil já viveu, e ao mesmo tempo vejo as pessoas desmotivadas para lutar por algo diferente! Precisamos agir já!” (sic). (Aluno 2).

Durante o evento, as falas refletiram diferentes dimensões dessa abordagem.

Uma participante, MC, destacou a importância de se fazer presente naquele momento, um grupo quase equilibrado entre número de participantes homens (6) e mulheres (9), afirmando tratar-se de um fato raro neste tipo de trabalho, pois em sua experiência há sempre uma preponderância feminina em tais trabalhos. Relatou seu conhecimento de um curso de Comunicação Não-Violenta (CNV) onde a docente promovia uma espécie de “incentivo à inclusão masculina” (oferecendo descontos) para compensar esse tipo de distorção.

Quanto à masculinidade social (machismo) foi destacada, também, a incidência de mulheres machistas, que, durante a criação dos filhos, acabam incentivando tal perspec-

tiva. Por isso a importância dessa reflexão/evento.

Concordando com tais aspectos, foi destacado por F. em linha com o texto de leitura sugerido, que o acolhimento “ao desvio machista” tem ajudado muitos homens a se perceberem, e se reverem, nesta postura. Mencionou também a existência de trabalhos nessa linha inclusiva, cujo exemplo citado foi o de “círculos que trabalham o sagrado masculino”.

Outra participante, R., destacou, a pressão do masculino (efetividade) sobre o feminino (afetividade), em mulheres que atuam especialmente em áreas que impõem limites aos arroubos da efetividade (machistas), como a área de *Compliance*, ao mesmo tempo que se destacou que, em tempos de pandemia, a tecnologia, aspecto masculino, foi equilibrado pela afetividade, pela possibilidade de aproximação por meio dos encontros virtuais, tão em voga neste grave momento social.

Um terceiro participante, S. abordou o fato de como os setores de Recursos Humanos de diferentes empresas apresentam trajetórias desviantes em decorrência da pressão recebida para entregarem resultados (lucros/vendas). Tais setores, que deveriam buscar a manutenção do equilíbrio

(efetivo/afetivo) buscam estratégias inviáveis, tais como a melhoria da gestão do tempo para pessoas, que já trabalham além de seu limite. Enfatizou os conflitos (éticos) gerados entre consultores que, por um lado precisam desses clientes e, por outro, não podem atender a demandas irrealizáveis, uma vez que ao atenderem tais pedidos seriam corresponsáveis pela criação da desumanização nos ambientes de trabalho.

Destacou-se também a importância das pessoas que atuam no mundo corporativo, presentes na reunião, continuarem tentando alterar essa realidade, considerando que o meio Transpessoal é, por vezes, formado por pessoas que desistiram desse *locus* de trabalho, pois foram vencidas frente às suas propostas irrealizáveis.

Uma quarta participante SB asseverou, em uma leitura aderente à atitude transdisciplinar, a importância de saber equilibrar a tendência natural pelo embate (estar contra) – a polarização natural que existe em determinadas situações (embates comuns à lógica reinante num mesmo nível de realidade) com a criação de uma escuta ativa (estar com) ou com a criação de zonas de não resistência e a resolução do conflito, que se dão em um outro nível de realidade (do terceiro incluído).

M., em diálogo com os Saberes Tradicionais do Esoterismo Ocidental, evocou uma reflexão sobre arcano *Papisa*³, do Tarot de Marselha, cujo conhecimento arquetípico se dá no silêncio e na conciliação dos opostos, com o necessário diálogo interno entre a efetividade e a afetividade.

B. ponderou que, apesar do ambiente polarizado vivido na atualidade, há muitos movimentos que buscam a inclusão, ou o estar com outro (reduzindo a polarização) e, retomando os objetivos do encontro (a necessidade de ação) sugeriu que o grupo direcionasse o olhar para essa dimensão prática (urgente). Em sua reflexão transpolítica argumentou que, para além das ideologias, a busca pelo equilíbrio é manifestada em muitos movimentos nacionais e internacionais como, por exemplo, “Movimento *Me Too*”, entre outros, enfatizando a necessidade deste grupo

procurar pelos próximos passos, avaliar quais seriam as ações individuais que poderiam redundar do encontro. Destacou também, a importância da manutenção de uma atitude “com” (atitude transdisciplinar), para que um efeito de manutenção da polarização não fosse evocado (*backfire effect*).

N. a partir das questões apostas pelo participante anterior, fez uma “provocação” para os tipos de atuações possíveis, que poderiam transcender o encontro. Seriam estas grupais e/ou individuais? Que tipo de escala teriam tais ações? Haveria alguma organização capitaneando as mesmas?

M. retoma, então, a necessidade de se olhar para o movimento político polarizado que se vive no Brasil com um olhar “pendular”, de modo a ser evitada a fixação em um único polo.

Ponderou-se, então, sobre a necessidade de ação local, situacional, evocando-se a imagem do beija-flor que dá sua contribuição (gotas) para apagar um incêndio... A reflexão sobre a situação desconstrutiva vivida no Brasil traz uma grande lição que é a da valorização da democracia. Nunca se discutiu tanto sobre o estado democrático de direito e sobre a importância das instituições na democracia. Essa é uma das grandes aprendizagens que ficam da desolação que se vive na atualidade.

Conclui-se a reflexão olhando para a cooperação mundial em tempos de pandemia, que nunca houve tanta colaboração internacional para produção de vacinas, que acabaram por serem produzidas em tempo recorde. Ao mesmo tempo as farmacêuticas, talvez, nunca tenham ganhado tanto dinheiro, num só momento...

POIÉSIS⁴ TRANS-POLÍTICA EM VINÍCUS DE MORAES

Ao final do evento, a fim de se ilustrar o fundamento da visão transpolítica em Nicolescu, apresentou o poema “Pátria Minha” de Vinícius de Moraes, cuja a interpretação transdisciplinar/transpolítica apresenta-se a seguir:

³ Suma Sacerdotisa

⁴ Do grego criação.

1. O Poema

*A minha pátria é como se não fosse,
é íntima doçura e vontade de chorar;
uma criança dormindo é minha pátria.
Por isso, no exílio, assistindo dormir meu
filho
Choro de saudades de minha pátria.*

*Se me perguntarem o que é a minha pátria,
darei: Não sei.
De fato, não sei como, por que e quando a
minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a
água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
em longas lágrimas amargas.*

*Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos
cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido
(auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem
sapatos
E sem meias, pátria minha tão pobrinha!
Porque te amo tanto, pátria minha?
eu que não tenho Pátria,
eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho,
eu que permaneço em contato com a dor do
tempo,
eu elemento de ligação entre a ação e o
pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!*

*Tenho-te, no entanto, em mim como um
gemido de flor;
tenho-te como um amor morrido, a quem se
jurou;
tenho-te como uma fé sem dogma;
tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito
Nesta sala estrangeira com lareira e sem pé-
direito.*

*Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no
Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada
terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o
monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo
sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul que eu
sabia, mas amanheceu...*

*Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!*

*Quero rever-te, pátria minha,
e para rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.*

*Pátria minha... A minha pátria não é florão,
nem ostenta Lábaro não;
a minha pátria é desolação de caminhos,
a minha pátria é terra sedenta
e praia branca;
a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra e urina mar.*

*Mais do que a mais garrida
a minha pátria tem uma quentura, um querer
bem, um bem...
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também" E repito!*

*Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
e ao batuque em teu coração.*

*Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha Brasil, talvez.*

*Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
Pátria minha, saudades de quem te ama,
Vinícius de Moraes*

2. Interpretação Trans-política

Como já se afirmou, Nicolescu (1999) situou a transdisciplinaridade como a ciência e a arte da descoberta de pontes entre os diferentes campos do conhecimento e as dimensões interna e externa dos seres humanos.

Vejamos como isso se dá no poema de Moraes, à luz da Carta da Transdisciplinaridade (UNESCO, 1994) e à dimensão trans-política.

Assim, é preciso evocar-se primeiramente o

Artigo 5º: “a visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida que ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação, não apenas com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior”.

“Pátria Minha”, entretanto, vai encontrar seu fundamento trans-político maior no

Artigo 8º “A dignidade humana é também de ordem cósmica e planetária. O aparecimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, ele é ao mesmo tempo um ser transnacional (trans-político). O reconhecimento pelo internacional da dupla cidadania – referente a uma não nação e a Terra – constitui um dos objetivos da pesquisa transdisciplinar”.

Nessa perspectiva, é possível perceber que o poeta altera o foco narrativo entre três posições: 1º) sua pátria concreta, a nação, seu país, o Brasil, fazendo muitas vezes uma crítica ao autoritarismo e à desigualdade; 2º) e sua condição de cidadão transnacional do mundo, habitante da Terra, para isso recorrendo aos elementos da personalidade, como o filho, as mulheres, etc; 3º) Para reforçar essa alternância, recorre, ainda, ao diálogo com a própria pátria, tendo-a como interlocutora, como se esta fosse uma pessoa a quem se confessa sua condição trans-política evocada no poema. Mas, por fim, rende-se a sua condição de brasileiro. Vejamos:

A condição trans-política é evocada logo no primeiro verso: “*minha pátria é como se não fosse*”. Na sequência desse primeiro trecho

“*é íntima doçura e vontade de chorar*”, observa-se, em conflito, a alternância de lugar entre o cidadão da Terra e o brasileiro (lembrando que Vinícius era diplomata atuando em missões no estrangeiro); assim o “*choro*” poderia ser tanto pela distância do Brasil, quanto pela sensibilidade de sentir a pátria planetária em seu íntimo. Mesma situação observada ao reconhecer-se nesse papel duplo (dúbio), ao perceber a pátria na serenidade de “*uma criança dormindo*”.

Afirma-se nessa dúvida/dupla condição, porque, talvez, o autor se sentisse alternando entre a pátria mundo e a pátria nação, mas, ele mesmo, não conseguisse compreender esse significado que, aqui evoca-se. Lembrando que o poema foi escrito logo após o término da 2ª Guerra Mundial em 1946. Não havia, portanto, nem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, tampouco a Organização das Nações Unidas estava em articulação. Assim, sugere-se que a sensibilidade do poeta evoca algo que o futuro haveria de trazer. Essa condição pode ser percebida na segunda estrofe: “*Se me perguntarem o que é minha prática, direi: Não sei. De fato, não sei como, por que e quando minha pátria (...)*”

O Brasil, conhecido pela desigualdade social há muito tempo, como, por exemplo, por Albert Camus, que em visita ao Brasil na mesma época (1949) afirmou em seu diário de viagem:

O contraste mais impressionante é fornecido pela ostentação de luxo dos palácios e dos prédios modernos, com as favelas, às vezes a cem metros do luxo, agarrados aos flancos dos morros, sem água nem luz, onde vive uma população miserável, negra e branca (CAMUS, 1978, pág. 75).

Assim, o poeta sofre por sua nação desigual: “*vontade de beijar os olhos de minha pátria, de niná-la, de passar-lhe a mãos pelos cabelos... de mudar as cores de seu vestido (auriverde) tão feias de minha pátria, sem sapatos, sem meias, pátria minha tão pobrinha*”.

E novamente retoma a condição de dupla inserção, evocada no artigo oitavo da Carta Transdisciplinar, na indagação: “*porque te*

amo tanto, pátria minha? Eu que não tenho pátria, eu semente que nasci do vento. Eu que não vou e não venho”.

Evoca, também, a atitude transdisciplinar (ação trans-política) *“eu que permaneço em contato com a dor do tempo, eu elemento de ligação entre a ação e o pensamento. Eu fio invisível no espaço de todo adeus, eu o sem Deus⁵”.*

Parece haver um conflito – uma dor – nessa condição de dupla cidadania, entre a nação e o planeta (Terra): *“tenho-te, no entanto, em mim com um gemido de flor (...) como um amor morrido, a quem se jurou, uma fé sem dogma.”* Que se segue no verso seguinte *“lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra, quando tudo passou a ser infinito e nada terra”*, ou seja, a saudade da nação (Brasil) toma conta e o absorve como um todo e espanta a todos *“muitos me surpreenderam parado no campo sem luz”*, olhando o céu e esperando ver a constelação do Cruzeiro do Sul surgir no horizonte, pois isso o faria “tocar” o Brasil, mas o sol nasce *“à espera de ver surgir a Cruz do Sul que eu sabia, mas amanheceu”.*

Então fala forte sobre a sua condição de brasileiro, evocando trechos do hino nacional: *“fonte de mel, bicho triste, pátria minha, amada, idolatrada, salve, salve”*, e expressa seu desejo de regresso: *“que mais doce esperança acorrentada, o não poder dizer-te aguarda, não tardo!”.*

E então subjugado pela saudade da nação, se entrega à sua condição de brasileiro, e renega a condição de cidadão da Terra: *“quero rever-te, pátria minha, e para rever-te me esqueci de tudo. Fui cego, estropiado, surdo, mudo. Vi minha humilde morte cara a cara, rasguei poemas, mulheres, horizontes, fiquei simples, sem fontes.”*

Faz crítica à pompa brasileira (hino) afirmando a condição afetiva que jaz no povo humilde e sofrido, enfatizando novamente a desigualdade existente no país: *“Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta Lábaro não; a minha pátria é desolação de caminhos, a minha é terra*

sedenta e praia branca.” E novamente afirma sua condição de ateu “A minha pátria é o grande rio secular, que bebe nuvem, come terra e urina mar”.

E critica a efetividade militarista, afirmando a afetividade do povo que, de fato, pode ser o elo libertador para a promoção da igualdade: *“Mais que a mais garrida, a minha pátria tem uma quentura, um querer bem, um bem... Um libertas que sera tamen, que um dia traduzi num exame escrito: liberta que serás também, e repito”.*

E o texto é finalizado com sua entrega total à sua nação a quem ama concluindo: *“agora chamarei a minha amiga cotovia e pedirei que peça ao rouxinol do dia, que peça ao sabiá para levar-te presto este avigrama: pátria minha, saudades de quem te ama, Vinícius de Moraes”.*

CONCLUSÃO

Este ensaio buscou refletir sobre a necessidade/capacidade de ação trans-política, entendida como uma atitude transpessoal de equilíbrio entre as forças arquetípicas do masculino (efetividade social) e do feminino (afetividade individual).

A tese defendida é a de que pessoas formadas no campo transpessoal, capacitadas nas forças arquetípicas do feminino (afetivo), vivenciam sofrimento psíquico, pois não percebem (ou valorizam) ações que realizam com a potência efetiva (masculina).

A ilustração da hipótese levantada, se deu a partir das falas dos participantes durante o encontro, bem como, da interpretação do poema de Vinícius de Moraes que também apresenta um jogo de forças entre a efetividade da pertença como cidadão de uma nação e a afetividade da pertença a uma cidadania planetária, ou “cuidadoria”, como também vem sendo tratada nos círculos de reflexão de epistemologia decolonial.

Ao final do encontro, as falas de muitos dos participantes sugeriam que estes puderam perceber, na reflexão gerada, que, de fato, realizavam ações que não estavam sendo valorizadas por eles/elas mesmos/mesmas.

⁵ Importante destacar que, embora Vinícius de Moraes tenha cantado a tradição afro-brasileira em suas músicas, era ateu (Vinícius, 2005).

Assim, a partir de Nichols (1988) talvez se possa concluir que a busca por ação transpolítica, a partir de uma atitude verdadeiramente transdisciplinar, pode ser representada pelo arquétipo do “Louco”, que no Tarot representa a soltura, pois “não sabendo que era impossível, foi lá e fez”...

REFERÊNCIAS:

A Carta da Transdisciplinaridade.

UNESCO, 1994. Disponível em <http://cetrans.com.br/assets/docs/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf> acessado em 03/04/2021.

CAMUS, A. *Diário de Viagem*. RJ: Record, 1978.

MORAES, V. *Poemas, Sonetos e Baladas Pátria Minha*. SP: Cia das Letras, 2008.

NICHOLS, S. *Jung e o Tarot: Uma jornada arquetípica*. SP: Cultrix, 1988.

NICOLESCU, B. Fundamentos Metodológicos para o Estudo Transcultural e Transreligioso. In Sommerman, A.; Mello, M. F. e Barros, V. M. (org.) *Educação e Transdisciplinaridade II*. SP: UNESCO/TRIOM, 2002.

NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. SP: UNESCO/TRIOM, 1999.

PINEAU, G. “O Sentido do Sentido” In NICOLESCU, B. (et Al.) *Educação e Transdisciplinaridade*. SP: UNESCO/TRIOM, 2000.

Vinícius. Direção de Miguel Faria Júnior (documentário). RJ: Globo Filmes, 2005. (Netflix)



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

2 – A DÉCADA DE 1950: OS “ANOS DOURADOS” BRASILEIROS

Luiz Afonso Simoens da Silva*

Introdução

Ruy Castro escreveu uma crônica bem humorada intitulada “O Brasil já Picou?” (Folha SP, 21.02.2015, p.2), em que fez uma tradução criativa para *to peak*. Em inglês, este verbo significa alcançar o topo, o ponto máximo de alguma coisa. A posição de uma música numa parada de sucessos, por exemplo. Apesar de não haver uma expressão com esta acepção em português, já que por aqui *picar* é assunto para o *aedes aegypti*, Castro atribuiu ao jornalista e escritor Ivan Lessa o seu uso ao afirmar que “Não sei quando, mas acho que o Brasil já picou [...] e, se *picou*, terá sido lá pelos anos 1950 ou 1960”.

É de se acreditar que Lessa se referiu a um ponto do tempo em que as civilizações alcançam o máximo de suas forças e influência na esfera produtiva, política, militar e cultural. Depois disso, a estagnação ou o declínio. Se assim o for, a Pérsia teria *picado* em algum momento a partir de 5.000 anos atrás; a China, a Índia e o Egito no intervalo entre 3.000 e 4.000 anos; a Grécia há 2.500; Roma 2000; França, Inglaterra, Alemanha em momentos distintos entre os séculos XVII/XIX; Rússia, Japão e Estados Unidos no

alvorecer do século XX. A China, sempre surpreendente, ainda teria chão pela frente.

Nascidos numa geração durante ou logo após a Guerra Mundial sempre acreditaram num futuro radioso para o Brasil. Apesar dos inúmeros entraves históricos que impediam seu trajeto “para cima e para o alto”, sempre havia o fato de tratar-se de um país de grandes dimensões, com acesso a vastos recursos naturais e que contava com um povo dinâmico, ainda que educacionalmente despreparado. Ao fim e ao cabo, a pátria-mãe tão gentil conseguiria alcançar e manter um espaço de relevância no concerto das nações civilizadas. Por isso, aqueles que pensaram as questões do desenvolvimento econômico e social e de seus limites, nem se perguntaram se já teria ocorrido o *pico*.

Certamente não foi durante o período ditatorial (1964/1985), apesar do forte crescimento econômico. Aquela foi uma época de Modernização Conservadora, assim entendida a prevalência de visão estratégica militar, que objetivava a segurança nacional. Por isso, ela buscava aprofundar a inserção industrial do Brasil e achava possível alcançar o estado de país desenvolvido às custas de manter o povo brasileiro em um patamar de infância política. Impossível perpetuar tal estratégia. Não foi, também, no período subsequente, a Nova República (1985/2016), quando avanços se deram nas liberdades individuais e no alcance dos programas sociais, mas onde o crescimento econômico foi píffio. Esse desempenho econômico impôs limites estreitos à continuidade de um ciclo virtuoso de melhoria das desigualdades ancestrais de

* **Luiz Afonso Simoens da Silva** – Economista graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1970. Mestre em Finanças pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, doutor em economia pela Unicamp. Aposentado, trabalhou vinte anos no Banco Central, no Departamento Econômico e na área internacional, especialmente em assuntos financeiros. Foi professor de Economia Brasileira e Teoria do Valor na FGV-SP. Autor do livro *Moeda e Crise Econômica Global*, editora Unesp, 2014. Contato: simoens@uol.com.br.

renda e riqueza, ao passo que um impedimento presidencial apontava para o esgotamento do ciclo político e econômico.

Olhando mais para trás, os Anos Dourados podem ter acontecido na década de 1950, que foi forjada por dois presidentes: Getúlio Vargas (1950-1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1961). Na esteira do otimismo que dominava o ambiente global, ao final do período bélico, eles deram forte impulso à economia nacional. O Brasil foi um caso paradigmático. Avanços na indústria nacional e na mudança do eixo político para o centro geográfico do País deram o tom daquele decênio. O crescimento econômico foi forte e prevaleceram os direitos políticos de sua gente, apesar do traumático episódio do suicídio de Getúlio em 1954. Mas, não foi só isso: a cultura deu saltos espetaculares. A arquitetura e o urbanismo de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa; o neoconcretismo de Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica; e a música de Tom Jobim e João Gilberto tiveram impacto relevante no panorama cultural do mundo. A literatura e o teatro não tiveram a mesma projeção internacional, mas não fizeram feio. Por tudo isso, parece que o “espírito do tempo” era positivo e que era bom ser brasileiro.

O objetivo deste trabalho é dar um voo de pássaro naqueles anos. Para tanto, cabe recolher elementos econômicos e culturais na busca do *homem brasileiro* da época. O que fez o gigante levantar-se de seu eterno repouso e partir no encalço de novas ideias, que não foram pequenas? Enfim, o que foi a Modernidade brasileira da época?

1. Economia

Ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1944, quarenta e quatro países se reuniram na pequena cidade de *Bretton Woods*, próxima a Washington, para discutir a nova ordem econômico-financeira internacional. A discussão envolveu os objetivos, os pilares básicos e a criação dos instrumentos necessários para sustentar a nova estrutura.

Os objetivos foram a retomada do comércio internacional, abalado pela Primeira Guerra Mundial e pela crise de 1929, e o fortalecimento dos Estados Nacionais. Os pilares básicos foram a determinação de taxas de câmbio administradas, taxas de juros fixas e controle dos fluxos financeiros

internacionais de curto prazo. Os instrumentos foram a criação do Fundo Monetário Internacional (FMI), voltado à correção dos desequilíbrios dos balanços de pagamentos dos países-membros, e do Banco Mundial (BIRD), que se destinava à reconstrução da Europa e do Japão (Silva, 2014, p.48/50).

Apesar de o capitalismo ser um sistema inerentemente instável, os pilares para câmbio, juros e movimentos de capitais apontaram para uma retomada menos sujeita a fluxos especulativos. Os Estados Unidos eram o produtor industrial dominante, detinham cerca de três quartos das reservas de ouro e eram o único país com capacidade de mobilizar recursos para a reconstrução europeia e japonesa. O que o país queria era acabar com a velha ordem colonial e abrir os portos a seus produtos. E assim começou um período de cerca de trinta anos de prosperidade e relativa estabilidade nas relações internacionais. O país cresceu sob a liderança da indústria e da tecnologia e a renda de sua população se desconcentrou. O mesmo ocorreu na Europa, que não demorou a se reconstruir. Até o mundo emergente aproveitou algo desse banquete! Informalmente, esse espaço de tempo entre 1944/1973 é referido como Anos Dourados.

O final da guerra, lembra Bresser Pereira (1987, p. 36), deixou o Brasil com grandes créditos em moedas estrangeiras. A queda do ditador Vargas, que apoiava a industrialização nacional, trouxe ao governo Dutra uma vertente liberal, que, ao flexibilizar o câmbio, promoveu maciça importação de bens de consumo. Houve grande desperdício de divisas, é verdade, mas a indústria nacional também começou a se reequipar, uma vez que seu ritmo de crescimento havia caído durante a guerra.

Com a volta de Getúlio, agora como presidente democrático, o Brasil foi um dos países que melhor aproveitaram a nova ordem. Na primeira metade da década de 1950, havia uma política claramente determinada para a consolidação da indústria e para o salto para o alto que ela deu na segunda metade da década. A taxa anual real média de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), entre 1951/5 foi próxima de 6% e a da produção industrial de 8% (Bresser Pereira, 1987, p.39). Contribuíram para tanto,

a melhoria das relações de troca, como no preço do café, e as mudanças na política cambial.

Na segunda metade da década, entre 1956/61, o PIB real cresceu a uma taxa média de 6% ao ano e a produção industrial a 11% ao ano (Bresser Pereira, 1987, p.39). As transformações foram decisivas por conta do Plano de Metas do governo Kubitscheck. No curto espaço dos cinco anos do mandato, o governo implantou a indústria automobilística, a de construção naval, a de material elétrico pesado e a de máquinas e equipamentos, do que resultou a expressiva ampliação do setor de bens de capital. Paralelamente, expandiu-se também a siderurgia, os metais não-ferrosos, a química pesada, o petróleo e o papel e celulose. Não satisfeito, coube ao governo dar grandes incentivos à empresa nacional, vista como a perna frágil do “tripé” formado em parceria com as empresas estatais e com as de capital estrangeiro (Serra, 1982, p.75).

Visto como um todo, o período de pouco mais de dez anos que se seguiu à Segunda Guerra Mundial foi bastante dinâmico, seja em termos de crescimento do PIB, seja na produção industrial e nos investimentos. Reflexos desse desempenho se mostraram nas taxas de inflação e nas contas externas. Os dados de Bresser Pereira e Serra (1982, p.58) mostraram que a indústria se consolidou como polo dinâmico da economia, a partir dos investimentos públicos puxados pelo governo. Não é de admirar que a inflação tenha se acelerado e as contas externas começassem a apontar para modificações significativas: crescimento nas importações e queda nas exportações, confirmando o “fechamento” crescente da economia, típico dos processos de “substituição de importações”.

Em resumo, após o desenvolvimento da indústria de bens de consumo, aprofundado nos anos trinta, por conta da crise de 1929, o processo de industrialização pesada se fez nos anos 1950, com o Plano de Metas. Em geral, o diagnóstico econômico da época é positivo, em termos da construção de uma estrutura industrial moderna, a que teria faltado um financiamento adequado. De fato, houve aumento de tributação, mas, também, forte aumento dos déficits públicos, que ajudaram a explicar a aceleração

inflacionária. Há quem pense, porém, que o Plano de Metas estava bem financiado, mas não a “aventura” da mudança da capital. Mas isso é outra história...

2. Urbanismo e Arquitetura

No período anterior a Brasília, nos anos 1940/1950, Oscar Niemeyer participou de projetos que já chamavam atenção para seu nome, seja isolado seja em conjunto com outros arquitetos de renome. No Rio de Janeiro, ao lado de Lúcio Costa e Le Corbusier, foi um dos responsáveis pelo projeto de 1936 do Ministério de Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema, em que já se destacavam os espaços abertos permitidos pelos pilotis. Em Minas Gerais, a convite do então Prefeito Juscelino Kubitschek, ele projetou um conjunto de edifícios no bairro da Pampulha, onde se destacavam as linhas curvas da Igreja de São Francisco. As intervenções são da década de 1940. Em Nova Iorque, um grupo de arquitetos de vários países, liderados por Wallace Harrison, participou do projeto da sede da Nações Unidas. O projeto final foi baseado na proposta de Oscar Niemeyer e Le Corbusier. A construção se deu entre 1948/1952.



Em São Paulo, por ocasião das comemorações do quarto centenário da cidade, Niemeyer fez o projeto de um conjunto de edifícios ligados por uma marquise para o Parque do Ibirapuera. O projeto foi encomendado em 1951 pelo Governador Lucas Nogueira Garcez e só ficou pronto sete meses após a data de aniversário, em 1954. Como exemplos, o interior do prédio da bienal e os pilotis em V do MAC-USP.



Agora, pensar Lúcio Costa e Oscar Niemeyer na Modernidade da arquitetura brasileira implica dar uma passada de olhos sobre as várias influências que eles extraíram dos movimentos culturais da primeira metade do século XX. Parece evidente que elas foram o resultado dos estudos feitos com base no que ocorria na Europa, num período tumultuado pela Grande Guerra de 1914-18, pela Gripe Espanhola de 1918-20 e pela Depressão de 1929, com todas as suas consequências.

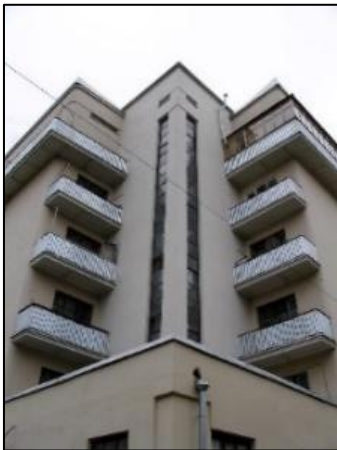
Com tal currículo, entende-se o convite do Presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, para a construção de Brasília. O arquiteto Niemeyer se juntou a Lúcio Costa, que fez o plano urbanístico da capital, e ao engenheiro estrutural Joaquim Cardoso. Para além dos belos prédios, como o Palácio do Planalto, destacam-se as linhas simples e funcionais dos prédios das superquadras.



Argan (2004, p. 263/4) menciona que o final da 1ª. Guerra Mundial trouxe desafios ao urbanismo e à arquitetura. Nos primeiros anos do século XX, a construção civil teria obedecido mais à especulação imobiliária que a qualquer outro tipo de demanda. No imediato pós-guerra, sentindo-se politicamente mais forte, o operariado começou a exigir melhores condições de vida. O caráter fortemente reformador ou mesmo revolucionário de algumas elites de pensadores sugeriu uma nova forma de pensar o espaço público. Tornou-se necessário priorizar o planejamento urbano sobre o projeto de arquitetura. Em seguida, para resolver a moradia de trabalhadores era necessário buscar um máximo de economia na utilização do solo e na construção, o que implicava ênfase na tecnologia industrial, na padronização e no desenho industrial. Enfim,

contrariamente à especulação imobiliária, prevaleceu a concepção de que a arquitetura e a produção industrial qualificada eram fatores condicionantes do progresso social.

Na União Soviética, até por volta dos anos 1930, a questão da urbanização não apresentou avanços expressivos. Prevalencia uma visão de “desurbanização” que pretendia aproximar a cidade do campo por meio do espalhamento das habitações pelo território. Na arquitetura, porém, houve mérito do Construtivismo. Foram deixados de lado os belos projetos utópicos que nunca foram realizados por falta de dinheiro. O ímpeto construtivo se voltou à própria história de sua tardia revolução industrial, que impunha grandes obras de engenharia num país de dimensões colossais. Nesse campo, seu foco numa arquitetura despojada, limpa e favorecedora da vida em coletividade colocaram-na na vanguarda do movimento mundial por uma Arquitetura Moderna. Seguem exemplos do desenho simples e funcional, como apartamentos dos anos 1920, o *Jornal Izvestiya*, de G. Barkyn (1925) e o *Edifício MPS*, de I. Formin (década de 1930), todos em Moscou.



Outra fonte de inspiração para o urbanismo e arquitetura brasileiros vem do suíço-francês Le Corbusier (1887-1965), que já apresentava projetos de arquitetura em 1914 e que se mostraram importantes precursores da arquitetura moderna. À época, Le Corbusier já estava definindo seus próprios princípios, que envolviam: construção sobre colunas, telhado chapado e fachada livre. Sua casa era construída sobre pilotis, para permitir circulação por baixo dela, sem que o movimento da cidade fosse interrompido por construções pesadas, nem canalizado para ruas sufocantes. Quanto à forma artística, não podia haver oposição entre edifício e natureza. “A natureza não se deterá à soleira, entrará na casa”. O espaço é contínuo, edifício e natureza se interpenetram; daí os pilotis (Argan p.265/8).



Projeto de cidade (1922)



Pavilhão suíço Universidade de Paris (1930)



Habitação em Marselha (1947-1952)

Ainda outra influência ocorreu na Alemanha sob a liderança de Walter Gropius (1883-1969), que fundou a *Bauhaus*, na República de Weimar, em 1919. Uma sociedade democrática não deveria ter classes, apenas funções, que eram igualmente necessárias. Essa sociedade era constituída de comunicações e essas comunicações eram seu objeto de estudo: o traçado da cidade, as formas dos edifícios, dos veículos, dos móveis, dos objetos, das roupas, da publicidade, todos os tipos de artes gráficas, os espetáculos de teatro, cinema e esportes. Tão logo chegou ao poder, o nazismo suprimiu-a, em 1933.



Bauhaus Dessau, 1926

Nascido em 1907, Oscar Niemeyer, desenvolveu sua visão de arquitetura no seio da Modernidade, especialmente europeia e soviética. Dali, ele retirou seu gosto pelo despojamento e limpeza das formas e pelo uso intenso do concreto armado e do vidro. Lúcio Costa agregou os amplos espaços, que estimularam a interação dentro-fora, isto é, a continuidade da residência com a natureza. Ao modo de Le Corbusier, Niemeyer trabalhou o prédio sobre pilotis, que permite o trânsito de pedestres e desafoga o horizonte das cidades ao evitar construções pesadas e ruas estreitas e sufocantes. Tudo isso estava presente em sua obra, assim como as residências vazadas, que permitem o aproveitamento do máximo de claridade. Enfim, a exemplo de seus influenciadores, o urbanismo e a arquitetura favoreciam a vida em coletividade. Niemeyer não foi, porém, um mero seguidor dos grandes arquitetos que ergueram os marcos da Modernidade. Ele os levou avante num conjunto grandioso

de obras que se espalharam pelo Brasil e pelo mundo na sua longa e frutífera vida de cento e quatro anos.

3. Artes Plásticas

Os caminhos da arte concretista no Brasil remontam aos Anos 1950. A 1ª Bienal de São Paulo (1951) teve grande efeito sobre o Concretismo no Brasil, particularmente devido ao trabalho “Unidade Tripartite”, de 1947/8, do escultor concretista suíço Max Bill (1908/94), da *Bauhaus*, vencedor do prêmio de escultura da Mostra. Bill valorizou a demarcação do espaço, cujo trabalho lembra a “fita de Moebius”, cujas formas entrelaçadas permitem a passagem “fora ao dentro” e “dentro ao fora”.

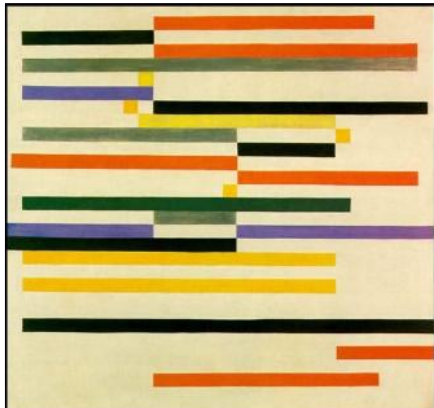


Para se entender o movimento concretista, importa absorver o contexto dos debates da época, onde vicejavam propostas conflituosas, como “abstracionismo vs figurativismo” e “arte geométrica vs abstracionismo”. A primeira questão remonta aos anos 1940, quando dominava o figurativismo de Portinari, Segall, Di Cavalcanti e Pancetti. A busca era por uma identidade nacional, voltada para o projeto de brasilidade, e se mantinha presa ao esquema tradicional de representação (Brito, p.12/3). A segunda questão, mais importante para o momento, se deu já nos anos 1950 e contrapunha Abstracionismo Geométrico a Abstracionismo Informal ou Lírico.

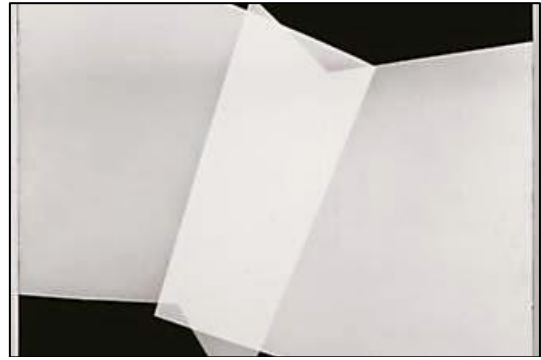
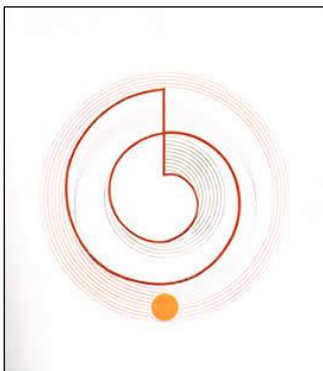
Em 1952, em São Paulo, surgiu o Grupo Ruptura composto, dentre outros, por Waldemar Cordeiro, Luiz Sacilotto, Geraldo de Barros, Lothar Charoux e Anatol Wladislaw. Sua característica básica era a prática de uma arte geométrica rigorosa.

Waldemar Cordeiro (1925/73), “Movimento”

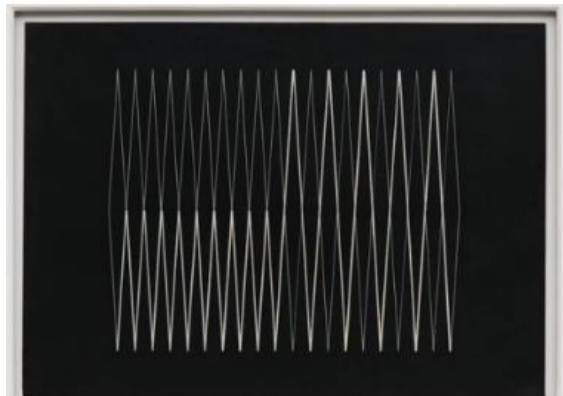
(1951), têmpera sobre tela, MAC/USP – há algo da idéia do futurismo e um colorismo não típico, uma vez que os concretistas costumavam reduzir-se ao preto/branco/cinza. Busca de uma arte nova, objetiva e racional; e Luiz Sacilloto, “Vibrações Verticais” (1957) – O que ele queria era explorar “como o olho operava”. Adepto da arte cinética, que usa efeitos visuais por meio de movimentos físicos, ilusão de óptica ou truques de posicionamento de peças.



Geraldo de Barros (1923/98), “Função Diagonal” (1952), laca industrial sobre madeira; busca de comunicação de massa por meio de cartazes, fotos e *design*. Arte vocacionada para a reprodução, isto é, voltada ao mercado. Abaixo, “Fotoformas” (1950), gelatina e prata sobre papel colado.



Lothar Charoux (1912/87), “Composição Branca sobre Fundo Preto” é uma estrutura que se repete monotonamente, sem variações, que remete à op art (“arte óptica”, que explora a falibilidade do olho e uso de ilusões de óptica). Anatol Wladyslaw (1913/2004), “Composição Ortogonal nº 2” (1952) remete diretamente a Mondriaan e à sua função de “mudar o homem pela arte”.



Em 1954, no Rio de Janeiro, surgiu o Grupo Frente, adepto de um abstracionismo mais lírico, com Lygia Clark, Aloísio Carvão, Ivan

Serpa e Lygia Pape. Hélio Oiticica se integraria depois.

Lygia Clark (1920/1988) se dizia movida pela “paixão da coerência”, o que não deixa de ser uma contradição. Suas primeiras obras começaram no limiar da abstração geométrica e terminaram numa prática terapêutica. Entre 1954/60, viveu uma fase construtivista, trabalho que envolvia a “morte do plano”.

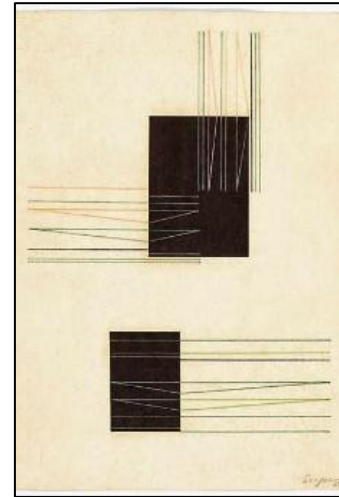
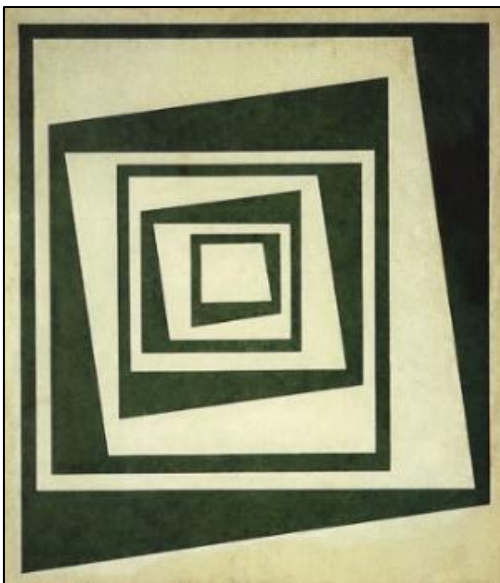


Superfície Modulada -1958

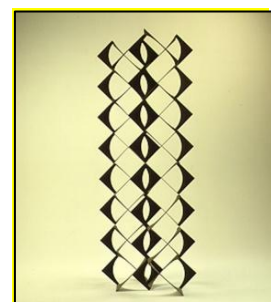
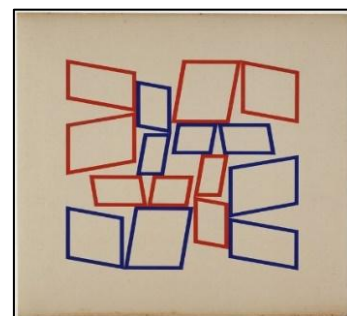
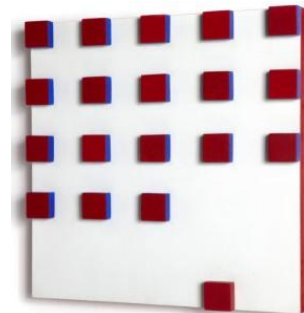


Bicho em Si – 1962

Aloísio Carvão (1920/2001), **CLAROVERDE**, e Ivan Serpa (1923/73), *Obra sem título*, 1953 – Interesse pela composição e ritmo das formas; guache, nanquim e papel colado sobre papel.



Lygia Pape (1927/2004), *Relevo*, 1955. Explorou a fundo a abstração europeia sem qualquer cerimônia ou complexo de inferioridade; ao centro, Hélio Oiticica (1937/1980) com *Metaesquemas*, 1957/8. Buscou a passagem do entendimento de arte contemplativa para a de arte que tem uma dimensão ética, social e política; e abaixo, Franz Weismann (1911/2005) – *Tridimensional* (1957). *A Torre*.



Em 1957, os dois grupos se fundiram e fizeram a primeira exposição nacional de arte concreta. Na sequência, houve uma cisão entre Rio de Janeiro e São Paulo, com estes permanecendo fiéis ao Concretismo e aqueles partindo para o Neoconcretismo. Essa cisão representou um ponto de inflexão. Como em todo movimento de vanguarda, os neoconcretistas fizeram um manifesto, redigido por Ferreira Gullar (1930/2016), e exposições com artistas como Franz Weismann, Lygia Clark e Lygia Pappe.

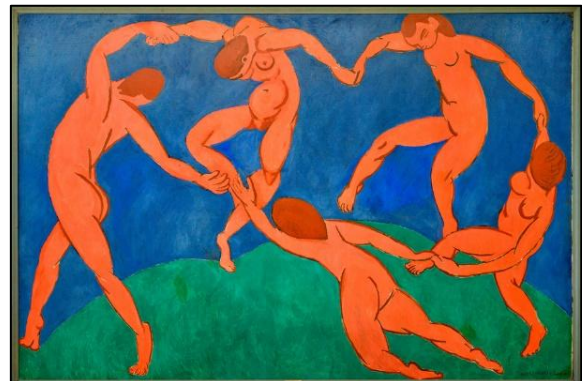
A discussão entre o Grupo Ruptura e o Grupo Frente não envolvia nenhuma cisão entre artes Geométrica e Figurativa. A cisão se dava no plano do abstracionismo: o que dividia “paulistas” e “cariocas” eram os matizes da Arte Geométrica, de modo que eles reagiam diferentemente ao Abstracionismo. Dito de outra forma, aqueles estavam cativados pelo modo de produção industrial e procuravam desenvolver sua criatividade, no que seria uma vertente construtiva, com relação aos avanços tecnológicos. Estes sequer admitiam a possibilidade de reduzir a arte ao sistema cultural vigente, no que seria uma vertente lírica que enfatizava o caráter destrutivo do capitalismo.

Uma das características dos Concretistas eram as variações sobre um mesmo tema, como as de Geraldo de Barros e de Sacilloto, que apontavam para uma arte produtiva. Essa característica foi destacada por Ferreira Gullar ao acusar os “paulistas” de obedecerem a uma ideologia industrialista, que levaria ao mecanicismo. Ao romper com isso, os Neoconcretistas propuseram a estetização e a poetização da vida. Essa discussão ficou próxima daquela que contrapôs o Construtivismo ao Suprematismo russos.

Nesta altura, fica evidente que as influências europeias acerca de figurativismo, arte abstrata e arte geométrica merecem ser revisitadas. Quanto ao **Construtivismo**, Chipp (1999, p.315) disse: “A afirmação mais radical do ideal do absoluto na arte veio... de Moscou [...] Em contraste com o atraso quase desesperado do país como um todo, nas questões culturais Moscou tinha um pequeno grupo de intelectuais e artistas de acentuada vanguarda que tiveram vislumbres embriagadores do novo mundo ideal

prometido pelos bolcheviques. Os artistas russos já haviam absorvido, de maneira rápida e fervorosa, os novos movimentos da Europa ocidental. Picasso e Matisse eram mais bem conhecidos nos círculos avançados de Moscou do que em Paris. Só dois colecionadores, Tshoukine e Morisov, haviam trazido de Paris, antes de 1914, mais de cem quadros dos dois artistas”.

Pablo Picasso (1881/1973), *Les Femmes d'Alger (O Jovem Orelha)* (1907), que deu início ao Cubismo: sem perspectiva e figuras rústicas, como que talhadas na madeira; referência direta às máscaras africanas; Henri Matisse (1869/1954), *A Dança*, 1906, abaixo.



No Cubismo e em Matisse permanece o figurativismo, mas já não se faz a distinção entre imagem e fundo. Em Picasso, há a sobreposição e justaposição de múltiplas visões do objeto, a partir de determinados ângulos, para mostrá-los como são, não como se mostram, no espaço e no tempo. Há, nessa abordagem, um caráter realista, que exclui qualquer efeito ilusório de profundidade. É realista, mas não natural: não imita o verdadeiro, mas cria uma nova verdade. Chipp (1999, p. 313) insere essa

discussão no âmbito de uma arte abstrata e não-objetiva. A destruição cubista dos modos convencionais de representação teria trazido a idéia de que a pintura deveria ser uma entidade absoluta, sem relação com os objetos do mundo visível, compondo-se de formas abstratas que tinham origem na mente humana. Os Construtivistas estavam atentos a isso...

Logo, porém, seu engajamento político os levou a considerações mais próximas às necessidades da vida cotidiana, onde tudo estava por fazer. Rapidamente, adotaram uma racionalidade fria. Optaram por uma arte utilitária, concreta, onde prevaleceu uma percepção a-histórica da realidade e a obediência aos conceitos de economia e necessidade. Na forma, avançaram pelo *design* industrial e pelos métodos racionais da *Bauhaus*, atribuindo à pintura o status de arte menor. Alexandr Rodchenko (1891/1956), um dos fundadores do movimento, era pintor e fotógrafo. Suas obras iniciais mostraram tendência ao abstracionismo geométrico; depois, foi um dos pioneiros do design gráfico.

Alexandr Rodchenko: *Composition* (1919); abaixo, fotomontagem e colagem; pioneiro no design gráfico, junto com Maiakovski. “A arte como função social deve cumprir papel prático na vida das pessoas”.

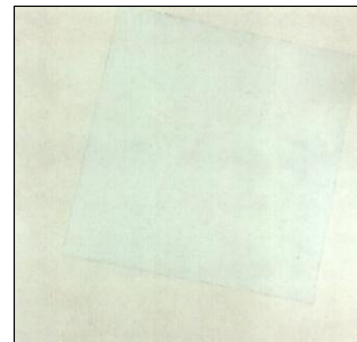


O Suprematismo tomou rumo distinto, o que implicou discórdias políticas intensas. Seu manifesto foi assinado em 1915 pelo poeta Vladimir Maiakovski (1893/1930) e pelo

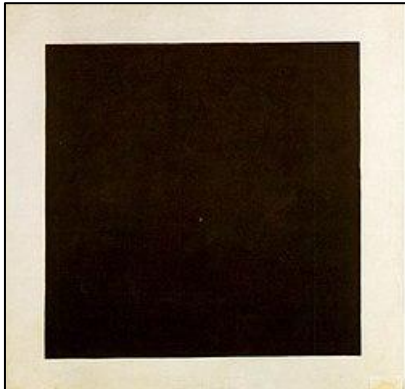
artista Kasimir Malievitch (1878/1935). Para Maiakovski, “A arte não é um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para forjá-lo”. Malievitch, apesar de nunca ter saído da Rússia, assimilou o cubismo quando ele ainda era recente e desenvolveu o ideal dessa pintura abstrata. Ele entendia o Suprematismo como sendo a superação do sentimento puro nas artes plásticas. Os fenômenos visuais do mundo objetivo não teriam, em si, qualquer significado; o essencial seria o sentimento como tal, completamente independente do meio em que foi evocado. “O sentimento é o elemento determinante... e desta forma a arte chega à representação não-objetiva, ao Suprematismo”. A objetividade, que busca representar o aspecto familiar dos objetos, não teria, portanto, qualquer significado. O “Quadrado branco sobre fundo branco” e “O quadrado preto sobre fundo branco” foram as primeiras formas de expressão do sentimento não-objetivo: o quadrado sendo o sentimento e o fundo branco o ‘Nada’ exterior a esse sentimento...” (Chipp, 1999, p.345 e 347).



Composição (1916)

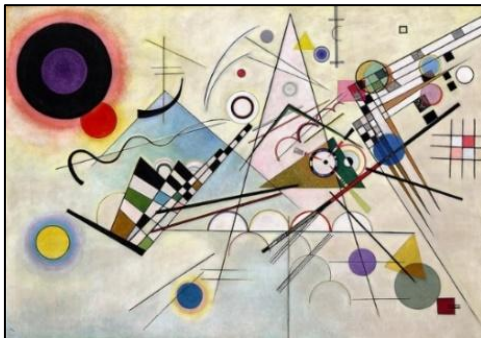


Quadrado Branco sobre Fundo Branco (1917)



Quadrado Negro sobre Fundo Branco (1918)

Apontado como criador do Abstracionismo, Vassili Kandinsky (1866/1944) era pintor expressionista na Alemanha antes da Revolução de 1917, quando voltou para a Rússia, sua pátria natal. O Suprematismo aproveitou a abertura artística que Trotski lhes concedeu, mas começou a ser perseguido por Lênin, que sempre foi hostil à arte moderna. Em 1922, quase todos os líderes dos novos movimentos já haviam deixado a Rússia, por falta de meios de subsistência. Kandinsky e Malievitch foram para a Bauhaus, em Berlim. Kandinsky, depois, foi para a França. Maiakovski ficou na Rússia, onde supostamente se suicidou em 1930: “Não é difícil morrer nesta vida. Viver é muito mais difícil”.

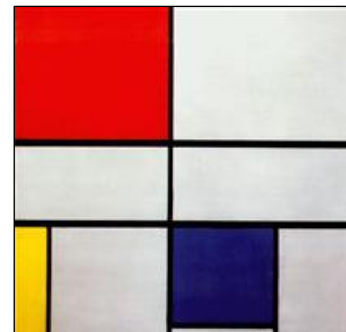
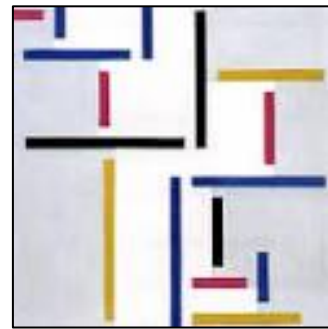


Kandinsky, Composição VIII (1922)



Kandinsky, On White II (1923)

Paralelamente a esses movimentos artísticos e políticos na Rússia, fatos também aconteciam no denominado neoplasticismo holandês ou *De Stijl*. Este movimento foi formado por Theo van Doesburg (1883-1931) que, na sua revolta moral contra a violência irracional da guerra, buscou uma atividade artística que abolisse toda a História, por impura. Daí ter eliminado todas as técnicas tradicionais e a distinção entre as artes. “Se o princípio da forma (e, evidentemente, da pura forma geométrica) é congênito ao ser humano, a técnica deve se reduzir ao mínimo necessário para manifestá-la”. Ênfase foi colocada na pintura. No Grupo Ruptura, van Doesburg e Mondrian muito influenciaram Anatol Wladislaw, tido como o “menos austero” dos concretistas. Com razão.



Acima e no centro, van Doesburg, “Rhythm of a Russian Dance” (1918) e “Contra-Composition” (1925); abaixo, Piet Mondrian (1872/1944) com “Composicion C, N° III” (1935).

Quanto ao **Futurismo**, Chipp (1999, p.343) reproduz o pensamento de Filippo Tommaso Marinetti (1876/1944), autor do Manifesto dessa escola: “O Futurismo não é a arte da província, mas a arte do trabalho industrializado”. Nela foi intensificada a busca de uma unidade espaço-temporal. A expressão do tempo na pintura ficou explicitada nas obras de Giacomo Balla (1871/1958), um de seus expoentes, e de Umberto Boccioni (1880/1916). Em “Ritmo de um Violinista” (1912), Balla buscou apreender o deslocamento da mão do músico em face de seu violino. Boccioni avançou para a tridimensionalidade da escultura. A obra é uma síntese formal da dinâmica de um corpo em movimento; é um passo em direção à abstração. Em resumo, o que marca o Futurismo é a busca incessante pelo Novo, pelo movimento da grande cidade.



Balla, *A Mão do Violinista* (1912)



Boccioni, *Formas Únicas de Continuidade do Espaço* (1913)

A essa altura já se pode dizer que a pintura foi muito mais importante para o Suprematismo que para o Construtivismo. Enquanto este assumiu uma arte utilitária,

concreta, aquele captou o enfoque científico de escolas europeias, mas enveredou por uma arte mais espiritualizada. Do século XIX, entendeu o Impressionismo, que levava à desmaterialização da forma, e Cézanne, que assimilou a mensagem geométrica e a pintura chapada, sem perspectiva. Do século XX, do Cubismo captou o caráter realista, mas não natural do objeto, e do Futurismo, a questão do movimento. Em síntese, radicalizou essas influências e chegou a uma arte abstrata, que enfatizava a supremacia do sentimento puro. Mesmo no Suprematismo, porém, a crise pictórica já se anunciava. “O Quadrado Branco sobre Fundo Branco”, de Malévitch (1917), ainda matizava as tonalidades de branco, mas já punha em crise a relação figura/fundo. Ele foi, por isso, um quadro limite, que apontava para a “morte da pintura”. Aí, porém, já é outra história, com a Modernidade sendo contestada porque “a arte é uma promessa de felicidade... que não se cumpriu”.

Tudo isso rebateu na Arte Concreta brasileira. Os concretistas se mantiveram comprometidos com uma arte estritamente geométrica, não-figurativa, que era a que mais os aproximava do mundo da indústria. Os neoconcretistas usaram, também, de uma linguagem geométrica, mas a transcenderam na busca de uma arte lírica, não engajada nos cânones do desenvolvimento tecnológico.

4. Teatro

O teatro talvez seja a forma de representação humana mais subversiva da ordem constituída. Seu nascimento na Grécia Antiga parece ter começado com as tragédias em 534 a.C., passando aos dramas satíricos em 500 a.C. e às comédias em 486 a.C. (Molino, 2014). E, desde então, ele faz pensar ou alegrar os povos e espicaçar os poderosos.

A tragédia tratava do terror e da piedade, assim como do Belo, da ordem e do “alto”. Ela buscava a catarse, a purificação das emoções. A comédia tratava do prazer e do riso, assim como do feio, da desordem e do “baixo”. O poeta e filósofo pitagórico Epimarco começou com o gênero na Sicília em 486 a.C., ao introduzir enredo (*mithos*) nas primeiras comédias, antes que elas aparecessem em Atenas. Ele fez várias paródias, inclusive sobre Hércules (o glutão

“Héracles à mesa”) e outros tipos sociais como a prostituta, o político corrupto e o parasita. O objetivo da comédia não era o de fazer rir, embora o fizesse, mas de fazer denúncia social, crítica de costumes (Molino, idem).

O recorte aqui assumido impõe que se dê um salto de milênios no tempo e que se ignore todo impacto do teatro nas mais variadas civilizações. Para preservar uma certa continuidade metodológica, se retoma as seções 2 e 3 deste trabalho, que mostraram que o Construtivismo soviético foi um movimento ideológico que submeteu a arte à política. Seu racionalismo nos anos iniciais da revolução de 1917 abrangeu avanços expressivos na arquitetura, nas artes plásticas e no teatro. Também na *Bauhaus* se considerava a arquitetura e o teatro como centros em que o público não deveria ser mero espectador.

Até 1917, havia na Rússia o teatro acadêmico (*Malyi*, pequeno) que era naturalista, realista, e o teatro de Arte de Moscou (TAM), que trabalhava com o método de Stanislávski, que era focado no ator e num grande mergulho psicológico. Com o advento da revolução, surgiram os teatros novos, de vanguarda, que diziam estar Stanislávski superado. As tarefas dos teatros revolucionários envolviam, portanto: em primeiro lugar, criar novo repertório revolucionário, onde pouca coisa do passado fosse preservada; segundo, buscar uma “mudança de psicologia” do ator, em favor de sua maior autonomia; e, terceiro, criar peças grandiosas, alegres e leves que facilitassem a participação popular (Dunaeva, 2005). A simples descrição dessas tarefas mostra o quanto os teatros revolucionários se autolimitaram: nenhum espaço a um enfoque psicológico, nenhuma direção fortemente centralizada e nenhuma abordagem profunda.

Vsevolod Meyerhold (1874/1940) foi grande ator e diretor de teatro na primeira metade do século XX. Ele foi nomeado diretor dos teatros revolucionários e liderou a construção de um teatro construtivista, que dominou o período de 1921 a 1925. Ao longo de sua vida, ele se contrapôs às demais abordagens teatrais, particularmente ao TAM. Nada que não pudesse levar a uma convivência

pacífica fosse outro o momento histórico. Basicamente, o TAM era focado no ator e numa direção autoritária; o teatro revolucionário buscava uma relação mais compartilhada entre ator-diretor-público. Mesmo assim, Meyerhold foi executado pela ditadura estalinista em 1941.

O Brasil captou uma parcela considerável dessa efervescência intelectual. Um dos responsáveis pelo rápido desenvolvimento do teatro brasileiro foi Zbigniew Marian Ziembinski (Polônia 1908/Rio de Janeiro 1978). Fugido do nazismo em sua terra natal, em 1941, trouxe na bagagem vários anos de atuação em Cracóvia e Varsóvia, onde trabalhou como diretor e ator nos *Teatr Polski* e *Teatr Maly* (teatro pequeno). A semelhança de nomes com o teatro acadêmico russo (*Malyi*) não parece mera coincidência. No Brasil dos Anos 1940, ele introduziu encenações inovadoras em textos de Nelson Rodrigues e a realizar processos exaustivos de ensaio de peças num país que, até então, ensaiava numa semana para estrear na outra (Wikipedia, 08.04.21). É óbvio que Ziembinski não foi a única influência externa do teatro brasileiro, mas não se deve duvidar do forte papel exercido pelo teatro acadêmico do Leste europeu.

Daí a relevância de artigo publicado na Folha de São Paulo (07.04.2021, p. A10), que resgata crônica de Paulo Francis de 14.06.1989. Francis afirma “que, nos Anos 1950/1960, tínhamos um teatro de repertório regular, que não faria feio em parte alguma do mundo”. Ele menciona o Teatro Brasileiro de Comédia, onde Ziembinski trabalhou em 1950, o Maria Della Costa, a Companhia Tônia-Celi-Autran, o Cacilda Becker (onde a estrela também contou com Ziembinski), o teatro dos Sete (Fernanda Montenegro, Ítalo Rossi, Sérgio Britto, Fernando Torres), O Oficina e o Arena. “Havia o que escolher, em qualidade e tendência estética e política”.

Pouco teria ficado desse teatro depois da ditadura e do domínio da TV sobre a sociedade brasileira. Restam alguns grandes atores; que ainda brilham, “mas não há mais o que chamávamos de ‘movimento teatral’, na nossa juventude, uma religião em verdade porque estávamos dispostos a sacrificar tudo”. Realidade? Saudosismo?

5. Música

O que são os sambas-canção? Castro (2015, p.69) responde: “Não eram ‘sambas de sambista’, como se definiam os sambas rasgados e sincopados [...] Eram sambas, sem dúvida – o ritmo, apesar de mais lento, era inconfundível –, só que românticos, intimistas e confessionais, com frases musicais longas e licorosas, perfeitos para ser dançados como sambas, mas devagarinho, com o rosto e o corpo colados. O samba fora para a cama com a canção, numa romântica noite de bruma, e resultara neles, os sambas-canção, com suas letras narrativas, que contavam uma história – e esta, com frequência, se referia a um caso de amor desfeito, como de praxe nas músicas românticas em qualquer língua”.

Isso não significa que o samba-canção fosse uma “música de fossa”. Havia muito sol, muita alegria e amor. Castro (Folha, 03.04.21) cita algumas: Uma Loura, com Dick Farney; Sábado em Copacabana, com Lúcio Alves; Meiga Presença, com Elizeth Cardoso; Dó-ré-mi, com Doris Monteiro. Mais importante: o samba-canção nunca foi o “bolero brasileiro [...] porque quando o bolero chegou por aqui, nos anos 40, o samba-canção já era velho de pelo menos dez anos”. E, ofensa maior, ele também não foi a “pré-bossa nova, subentendendo que ele seria um estágio anterior, inferior e preparatório de um gênero musical mais completo.”. A prova de sua autossuficiência foi ter visto Nat King Cole cantar Ninguém me Ama e Suas Mãos, em português, Frank Sinatra verter para o inglês Manhã de Carnaval, que se tornou *A Day in the Life of a Fool*, e “as dezenas de jazzistas americanos que gravaram “Samba de Orfeu” (Castro, Folha, 20.03.21).

No final de seu livro *A Noite do Meu Bem*, Ruy Castro fez uma cançãoografia do gênero que ele confessa não ser completa, mas ser a primeira do gênero. Ela abrange três períodos ou listas: a de 1928/45 serve para mostrar que já se faziam grandes sambas-canção mesmo antes que o gênero fosse amplamente reconhecido; a de 1946/65 que, ao recolher o que de mais importante aconteceu em termos de compositores e intérpretes, se firmou como o “período clássico”; a terceira que não tem uma determinação temporal, principalmente porque os discos pararam de fazer

classificações de acordo com o gênero musical, embora o samba-canção continuasse a existir.

Para os propósitos deste texto, isso não tem qualquer relevância já que o segundo período é aquele que está no foco. Além do mais, o recorte aqui adotado é o de destacar personalidades brasileiras que desenvolveram suas atividades no pós-guerra e que, por isso, ganharam reconhecimento internacional. Tal é o caso de Antônio Carlos Jobim.

Correndo os olhos pelas listas, Tom Jobim começou a aparecer, só ou com parceiros, no ano de 1953. Nos dez anos até 1962, compôs quarenta e três músicas, sendo quatorze só em 1959. Na última lista, que Ruy Castro leva até 2011, poucos são os sambas-canção. De Tom, mais quatro: *Retrato em Branco e Preto*, em 1968; *Ana Luísa*, em 1973; *Ligia*, em 1974 e *Ângela*, em 1976. Grandes clássicos do mestre incluem *Tereza da Praia*, *o Morro*, *Foi a Noite*, *Se Todos fossem Iguais a Você*, *Estrada do Sol*, *Eu não Existo sem Você*, *Dindi*, *Meditação*, *Só em Teus Braços* e *Domingo Azul do Mar*. E, óbvio, sua produção da maturidade. É como o Pelé em vias de parar, quando só fazia gol bonito. Mas isso é escolha pessoal. Não vale. Dentre os parceiros, Newton Mendonça é sempre o primeiro a ser lembrado, Billy Blanco, Luiz Bonfá, Vinicius de Moraes, Dolores Duran, Aloysio de Oliveira e Chico Buarque, que estava acabando de chegar. Só craques.

Passando para a esfera da bossa-nova, segundo outra cançãoografia, o período de 1929/57 inclui canções, compositores e intérpretes admirados pelos principais nomes que fariam a nova música. A bossa-nova teve seu apogeu entre 1958/70. No período final, que vai até 1990, houve escassa produção, “o que não impediu que, em 1972, Tom Jobim apresentasse o último grande clássico que faltava ser composto, *Águas de Março*; e, em 1974, gravasse um dos maiores discos do gênero, *Elis & Tom*” (Castro, 1990, p.420). Usando do mesmo método dos sambas-canção, se verifica, na primeira lista, que João Gilberto, um violonista baiano de Juazeiro, estreou em 1953 como cantor do bolero *Meia-Luz* e como autor, junto com Russo do Pandeiro, de *Você Esteve com Meu Bem? Nada* que chamasse atenção. No ano seguinte, 1954, Tom Jobim lançou

Solidão e Teresa da Praia, esta última em parceria com Billy Blanco, que também consta da relação dos sambas-canção. Há, daí para frente vários momentos de duplicidade nas listas, que refletem as dificuldades de classificação. Entre 1955/57, algumas músicas de Tom Jobim continuaram a oscilar entre as listas, mas João Gilberto, ao lado de João Donato, escreveu *Minha Saudade* para a interpretação de Luiz Bonfá, em 1955.

E então, entre 1958/70, se deu o apogeu da bossa nova. Em abril de 1958, Elizeth Cardoso gravou um LP, *Canção do Amor Demais*. O disco era composto por músicas de Tom e Vinicius, mas, contava também com o acompanhamento de João Gilberto em duas faixas, *Chega de Saudade* e *Outra Vez*, que inaugurava a “batida de Bossa Nova”. É voz corrente que o impacto causado redundou em convite para que João Gilberto gravasse um 78 rotações só seu: de um lado *Chega de Saudade*; do outro *Bim Bom*. E fez-se a luz!

Bem, Castro (2020, p.171) conta essa historinha só para desmenti-la em seguida. A verdade envolveria interesses de um pequeno selo não comercial, esquemas armados por Vinicius para não ser incomodado pelo Itamarati, que ele ainda servia, as idiossincrasias do obsessivo João com o jeito de Elizeth cantar e o fato de que seu nome nem mesmo tivesse sido registrado na capa do *Canção do Amor Demais*. A historinha é meio longa e não acabou muito bem para o Rio de Janeiro. Nas idas e vindas do 78 rotações, ele acabou virando tema de abertura do *Pick-up do Pica-Pau* da rádio Bandeirantes de São Paulo, uma emissora popular na cidade. Castro (2020, p.172/87) conclui: “O 78 de ‘*Chega de Saudade*’ chegou às paradas de sucessos de *Radiolândia* e da *Revista do Rádio* no final daquele ano, disputando no olho mecânico com Celly Campello em ‘*Lacinhos cor-de-rosa*’”. Coisas da vida.

Enfim, a grande produção de bossa-nova se deu a partir dos anos 1960. Vale a pena ler. Tom Jobim e João Gilberto não brilharam sozinhos. O mar de talentos estava revoltado naquela época e o Brasil cantava com força. Num histórico show de bossa-nova, em novembro de 1962, onde vários brasileiros se apresentaram, João Gilberto subiu ao palco

munido apenas de um violão. *Cantou Samba de Minha Terra*, com Milton Banana na bateria, e *Corcovado* e *Desafinado*, com Tom Jobim ao piano. Foi mais aplaudido por um pequeno número de músicos americanos, do porte de Miles Davis e Dizzy Gillespie, que pelo público em geral (Castro, 2020, p. 325/6). As portas do mundo lhe foram abertas. Ele morou nos Estados Unidos (1963/9) e México (1970) e fez shows também pela Europa. Dois grandes discos foram gravados com o jazzista Stan Gets, *Gets/Gilberto*, que lhe renderam dois *Grammys* como cantor e violonista (idem, p.375/80).

Paralelamente, em janeiro de 1967, após dois anos nos Estados Unidos fazendo televisão, apresentações pessoais e arranjos, um Tom Jobim na faixa dos quarenta anos começou a gravação de um LP com o cinquentão Frank Sinatra. Com arranjos do alemão Claus Ogerman, Sinatra enfrentou *Garota de Ipanema*, *Dindi*, *Corcovado*, *Meditação*, *Inútil Paisagem*, *Insensatez* e *O Amor em Paz*. Acrescentou três músicas americanas: *Change Partners*, de Irving Berlin e *I Concentrate on You*, de Cole Porter, ambas lançadas em filmes de Fred Astaire; e *Baubles, Bangles and Beads*, de Bob Wright e George Forrest, que Sinatra achava que soava bem com a bossa-nova. Acréscimos apenas para que o disco não parecesse exclusivamente latino (Castro, 2020, p. 408/13). É pouco?

6. Literatura

Na literatura dos anos do pós-guerra (1945/60), os contos se tornaram modernos. A narrativa se tornou mais madura e a linguagem cotidiana dos brasileiros educados ficou mais uniforme. O passado rural começou a desaparecer e a se tornar objeto mais de nostalgia do que de rejeição. Relações afetivas exibiram seu lado difícil. Descompassos na família. Saudades. Lirismo. Tudo isso segundo Moriconi (2000, p. 105).

A questão das relações afetivas é, de fato, dominante. Em *Presépio*, 1951, Carlos Drummond de Andrade criou o quadro da menina-moça *Dasdores* sempre atarefada, com exceção dos momentos de reza e de visita a parentes. O cinema ainda não tinha sido inventado. Por imposição da família, não havia tempo para devaneios, para que a

cabeça não se entregasse a “pensamentos confusos e perigosos de mulher”. Ainda assim, do outro lado da rua, Abelardo aparecia volta e meia com seu bigodinho, sua cabeleira lustrosa, os olhos acesos e um cigarro à boca. O desejo brotando... (Moriconi, p. 137/40).

Osman Lins aparece em *O Vitral*, de 1957. No conto, o casal envelhecido e sem filhos anda de braços dados pela rua, mas não há sinal de harmonia. O marido ironiza a mulher ao dizer-lhe que não é possível guardar a mínima alegria em coisa alguma, porque “nenhum vitral retém a claridade”. Sua mulher dependente mantém ainda viva a esperança, porque “sentia que a luz do sol a trespassava, como a um vitral”.

Rachel de Queiroz usou de muito humor e talento em seu *Tangerine-Girl*, de 1948, que conta o “namoro” da mocinha brasileira com um marinheiro que pilotava um dirigível lindo, um zepelim de metal brilhante que habitava uma base aérea da marinha americana. Num dia qualquer, quando ela sacudia a toalha da mesa do café do lado de fora da casa, um sítio nordestino, o marinheiro pensou que a mocinha o saudava. Ele a viu, com seus cabelos ruivos e se comoveu com sua suposta delicadeza.

O “namoro” começou, mas sempre enfrentando resistências físicas: o zepelim não podia voar abaixo de um limite regulamentar e a moça era um pouquinho míope. O semblante do marinheiro lhe era uma incógnita, portanto. Vai daí que o piloto não era o mesmo de sempre; eram, na verdade, todos os marinheiros que, escalados a voar, sempre passavam no quintal da casa da moça de cabelos ruivos, a *Tangerine-Girl*. Mandavam presentes para ela e, lá pelas tantas, a convidaram para um baile na Base. O convite flutuou no ar calmamente até suas mãos escrito numa língua enrolada, misto de inglês e português. Ela se arrumou, se perfumou e aguardou. Na hora marcada, como era de se esperar, apareceu um bando de marinheiros alourados, todos ansiosos de serem o “escolhido”. Engano. Decepção. Fuga. Choro na cama (idem, p. 159/64).

A questão do realismo aparece em *O Afogado*, de 1953, onde Rubem Braga descreve as reações de um menino que

quase se afoga em praia de ondas fortes. Em poucos minutos e no meio da indiferença geral, seu estado de espírito passa por várias fases, que vão do receio crescente, à perda de força nos braços e pernas e, quando começa a engolir água, ao medo pânico. A salvação se dá por acaso, quando a correnteza o joga contra as pedras sem, nem mesmo, feri-lo. Deitado na areia para se recuperar, seus pensamentos o levam da autodepreciação a um sentimento de superioridade com relação a um grupo de pessoas numa barraca ao lado, que comentam uma fita de cinema. Superioridade, talvez, porque eles não saberiam o que é a proximidade da morte. Quem não foi o menino de praia que não passou por situação semelhante? (idem, p. 156/8).

Talvez o “passado rural” estivesse se esvaindo, mas ele ainda aparecia com muita força. Em *Um Cinturão*, de 1945, Guimarães Rosa descreve com cores fortes as surras que, sem culpa, um menino de quatro ou cinco anos tomou da mãe e de um pai cruel. Eles batiam porque podiam fazê-lo e porque “isto era natural”. O conto fala do medo e do abandono, porque seus pretensos amigos não o socorreram na hora do desespero; um medo que o acompanhará por toda a vida. Ele lembra que “nos quartos lúgubres minha irmãzinha engatinhava, começava a aprendizagem dolorosa” (idem, p. 144/6).

Os anos 1960 revolucionaram as narrativas curtas e falaram de nossa contemporaneidade urbana, agitada por conflitos psicológicos e sociais. Não há mais lugar para o lirismo. O país cresceu e quer narrativas que falem da crueza do mundo real.

É o que faz Clarisse Lispector, em 1960 no seu conto *Amor*. Ana vive uma vida adulta relativamente confortável, ao lado de “um homem verdadeiro e filhos verdadeiros”, sem a felicidade que desejara, mas com raízes firmes nas coisas do mundo. Os dias de sua vida são como uma eterna repetição dos dias anteriores. “Assim ela o quisera e escolhera”. De repente, um incidente pífio: o bonde parou num ponto onde se encontrava um homem cego. A visão daquele homem desperta nela uma sensibilidade social há muito apagada. No resto da viagem, Ana começou a ver o mundo com novos olhos. “O mundo se tornara de novo um mal-estar”.

Amor e Nojo se juntavam na natureza. À noite, depois de fazer o jantar para a família e parentes que os visitaram, Ana começou a aquietar. O encontro foi bom, não houve brigas familiares, as crianças não os aborreceram. Abraçada ao marido, se deixa levar para o quarto do casal. Ele “a afastou do perigo de viver”. “Acabara-se a vertigem de bondade”. Tendo atravessado “o amor e seu inferno”, ela se penteia, apaga o mundo de seu coração e “antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia” (idem, p. 212/9).

Considerações Finais

O que fica desse passeio pelo Brasil? A década de 1950 foi mesmo feita de Anos Dourados? Ela “picou”? As ciências e as artes puxaram para cima a autoestima do brasileiro? Nunca, antes ou depois, o país chegou perto de tal desempenho?

Tudo leva a que se dê um sonoro SIM para aqueles anos. Por um prisma multicultural, a resposta deve ser positiva muito provavelmente pela mudança do “espírito do tempo”, que acabara de afastar o perigo das noites autoritárias em favor de um sol de liberdades possíveis, ao final da Segunda Guerra. Na economia, a ascensão dos Estados Unidos levou o mundo ocidental a uma fase de crescimento industrial e de desconcentração da renda. O mesmo se passou no Brasil, que se mostrou a mais dinâmica das economias emergentes. Isso ocorreu por ser uma economia reflexa, dependente, para escutar o que defenderam Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, ao tratar do desenvolvimento e da dependência na América Latina? Um pequeno grupo de intelectuais e empresários, aliados ao capital estrangeiro, liderou um país de despossuídos? Questão em aberto. O que se sabe é que dois presidentes carismáticos, Getúlio e Juscelino, comandaram a expansão acelerada da indústria, com a consequente melhoria dos salários do trabalhador e da qualidade dos empregos. O trágico suicídio de Getúlio não parou a roda do progresso por muito tempo e postergou a consumação do golpismo em dez anos.

A decisão de Juscelino de transferir a capital para o Planalto Central, uma demanda antiga e meio esquecida da sociedade, escancarou

as portas de entrada da Modernidade no contexto nacional. Poucos foram os momentos da História em que um grupo de profissionais – urbanistas, arquitetos, engenheiros e calculistas – teve a oportunidade de criar uma capital a partir do zero. E a equipe liderada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer se saiu com brilhantismo na tarefa. Um brilhantismo que veio de uma inserção profunda nas águas que banhavam as lutas por melhores condições de vida e moradia dos trabalhadores. Assim ocorrera na Europa, de modo que a ascensão da classe trabalhadora inaugurou uma era de criatividade, que foi assimilada pelos profissionais brasileiros. Tomando-se Oscar Niemeyer como ícone desse período, é certo dizer que ele aprendeu com o mundo e, depois, se tornou um de seus mestres.

O mesmo se deu nas artes plásticas. O debate entre o Grupo Ruptura dos concretistas e o Grupo Frente dos neoconcretistas foi intenso como costumam ser as rivalidades acadêmicas. Também aqui foram influências importantes os movimentos à esquerda em parte da Europa e as inquietações à direita dos Futuristas italianos. À paixão pela indústria e pela tecnologia dos “paulistas” se contrapunha uma abordagem mais lírica dos “cariocas”. Isso lembra o confronto encarniçado entre os Construtivistas russos, voltados a uma arte para o “novo homem” e os Suprematistas, mais espiritualizados. O fato é que os neoconcretistas Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica tiveram mais sucesso internacional, talvez por estarem mais próximos do “paladar” do mercado externo, mas os concretistas foram fundamentais na constituição do MASP, em 1947, pensado para ser uma escola de desenho industrial. Em 1968, o museu foi, enfim, transferido para um edifício icônico da Avenida Paulista, projetado por Lina Bo Bardi.

A modernidade vinda do estrangeiro também se fez presente no teatro, mais especificamente do teatro do Leste Europeu, por intermédio do polonês Ziembinski, mas a música foi um desenvolvimento próprio. Não que o país não tenha sofrido de influências externas. No caso, elas se situavam num certo banzo lusitano, uma “saudade indefinível”, nos ritmos vibrantes e sensuais da África e também no jazz norte-americano,

é claro. Mas, já estava abrasileirada, como a do sofisticado Tom Jobim e a do arretado João Gilberto.

Ah sim, para sempre lembrar, a década também foi rica nos esportes. No futebol, começou mal: em 1950, um Maracanã lotado de mais de cem mil brasileiros viu o Uruguai ganhar o campeonato mundial de virada. Uma tragédia de dimensões gregas, que levou Nelson Rodrigues a cunhar a maldição de ser o homem brasileiro sempre possuído por um “complexo de vira-lata” nos momentos difíceis. Em 1958, a redenção: o Brasil conquistou o campeonato mundial de futebol e apresentou Pelé e Garrincha aos “russos”. Paralelamente, Maria Esther Bueno venceu *Forest Hills* (atual *US Open*) em 1959, 1963, 1964 e 1966 e *Wimbledon* em 1964; o basquete de Wlamir, Amaury, Ubiratan, Rosa Branca e Algodão, foi campeão mundial em 1959 e 1963; e Ademir Ferreira da Silva quebrou recordes mundiais e ganhou o ouro olímpico no salto triplo em 1952 e 1956.

Em que pese a qualidade de sua literatura breve, talvez a Modernidade tenha entrado mais devagar no palco. A leitura de poucos contos da época aponta para uma sociedade provinciana, ainda que não estagnada: relações familiares patriarcais, descompassos na família, realismo, humor e lirismo. Já na virada dos anos 1960, a literatura apontava para um leitor mais maduro. Quem é a *Ana* de Clarice Lispector? Uma conservadora que se esconde do mundo ao assumir o papel de mulher “do lar”? Entende-se o seu mal-estar, que pode ser uma metáfora para os perigos políticos na abertura da nova década, onde as costumeiras forças do atraso já se aglomeravam e esperavam... Ela se refugia dos perigos da Modernidade no atraso do patriarcalismo ou expressa as inquietações de uma mulher em transição para um mundo menos compreensível?

Difícil de entender é a ideia de que o “passado rural começou a desaparecer...” (Moriconi, 2000, p.105). Não é para isso que aponta Guimarães Rosa. A violência continua posta. Passados mais de setenta anos, absurdos continuam a acontecer porque repetem, seguidamente, as tragédias das mortes de crianças, por violência ou displicência, no que deveria ser o seio da

família. E não só de crianças. De diferentes. Dos “outros”.

O que há com o Brasil? De onde vem a selvageria? Da dificuldade de assimilação da Modernidade, jogada de helicóptero sobre uma sociedade atrasada, que não entende o que é civilidade e consciência social? Parafraseando um pensamento sobre a arte, dá para dizer que “A modernidade foi um desejo de felicidade... que não se cumpriu”?

A gente não sabe planejar o futuro do país? Nos anos 1950, ele foi planejado. A gente não sabe se organizar politicamente? Bem, aqueles foram anos democráticos. Nada do que aqui foi falado tem a ver com utopias. Tudo aquilo foi feito por gente da terra. É História. Nenhum herói. Gente que seguiu o “espírito do tempo” e olhou para frente.

Referências

ARGAN, G.C. **Arte Moderna**. Editora Schwarcz Ltda, São Paulo, 2004.

BRESSER PEREIRA, L.C. **Desenvolvimento e Crise no Brasil**. Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1987.

BRITO, R. **Neoconcretismo**. Cosac & Naify Ed., São Paulo, 1999 (1ª. Reimpressão 2002).

CARVÃO, A. **CLAROVERDE**. In: ENCI-CLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Acesso em: 06 de Abr. 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra58190/claroverde>>. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7;

CASTRO, R. **A Noite do Meu Bem**. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

_____. **O Brasil já Picou?** Folha de São Paulo, 21.02.2015, pg.2.

_____. **Chega de Saudade**. Companhia das Letras, São Paulo, 2016.

_____ **As Canções do Menino Grande.** Folha de São Paulo, 20.03.2021.

_____ **Canções Cheias de Luz.** Folha de São Paulo, 03.04.2021.

CHIPP, H. B. **Teorias da Arte Moderna.** Martins Fontes Ed., São Paulo, 1999.

DUNAEVA, K. **Notas de aula acerca de O Construtivismo na Rússia.** MASP, 1º bim. 2005.

FRANCIS, P. **Cacilda Becker, estrela e atriz.** Folha SP, 14.06.1989 (artigo de 7.04.21, p. A10).

MOLINO, D.B. **Notas de aula acerca de “O Riso e o Ridículo”.** MASP, 2º bim.2014.

MORICONI, I. **Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século.** Ed. Objetiva, RJ, 2000.

SERRA, J. **Desempenho Capitalista no Brasil, Ensaio sobre a Crise.** Ed. Brasiliense, SP, 1982.

SILVA, L.A.S. **A Moeda e a Crise Econômica Global.** Editora Unesp, São Paulo, 2014.

WEISMANN, F. **Tridimensional** (1957). A Torre. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14906/a-torre>>. Acesso em: 06 de Abr. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7. Escultor com formas geometrizes.

WIKIPÉDIA. Citações de **Brasília, Niemeyer, Maria E. B., Ademar F.S. e Ziembski,** 2021.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

3 – CRIAR: DO CAOS À ORDEM

Celeste Carneiro*

A criatividade está na vida e se apresenta das mais diversas maneiras. Às vezes ela surge colocando ordem no caos. Outras vezes ela é o próprio caos, mudando tudo de lugar para se reordenar mais à frente, em outro lugar, em um novo tempo.

Os orientais dizem que na crise, crie. Uma questão de retirar apenas o “s”, que nem todos percebem.

É no meio da noite, ou no torvelinho dos acontecimentos que nos surpreendem, que as novas ideias surgem.

Uma doença, como o câncer, que causa o crescimento desordenado das células do nosso corpo, células que crescem rapidamente e que podem invadir estruturas próximas e espalhar-se para diversas regiões do corpo físico, produzindo as chamadas metástases, é a imagem do próprio caos em expansão.

E nada como a Arte para reordenar essas células, eliminar as que são nocivas e remodelar a psique do paciente, que, com paciência vai se reestruturando e assumindo o comando do seu corpo.

Foi o que aconteceu com Izanéia Fiterman. Com a participação da sua filha psicóloga e arteterapeuta Hanna Fiterman criou e criou com muita beleza o livro **Selfiterman** que tem o embasamento da Arteterapia Junguiana, uma abordagem terapêutica que

faz parte das práticas integrativas e complementares incluídas no Sistema Único de Saúde (SUS), desde 2017, e está inserida no Cadastro Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho desde 2013.

Como bem esclarece Izanéia: “Conversando de alma para alma, na universal linguagem dos símbolos que atravessa gerações e nos mostra que, para muito além dos domínios do ego, do tempo e do espaço, fazemos todos nós parte de um grandioso enredo. E somos cada um de nós, um grandioso enredo.”

É pela universal linguagem da arte que todos nós nos irmanamos e nos compreendemos, silenciosamente...

Finalizo com o convite para se envolver com o trabalho precioso deste livro, sabendo que, no dizer das autoras, “se abrir ao mundo das cores, da arte e das dores é um dos principais caminhos para a arte e para si mesmo.”

As autoras trazem várias imagens de participação em Congressos e narra o surgimento desse rico trabalho ao qual Izanéia intitulou *Selfiterman*.



Hannah Fiterman e Izanéia R. Fiterman

Para adquirir, entre em contato com as autoras, 71 991593525 / 71 987274145, e receba seu livro em casa, pelos Correios. Disponível também nas livrarias LDM, em todo o país.

* **Celeste Carneiro** – Arteterapeuta Junguiana (ASBART 0036/0906) e especialista em Psicologia Transpessoal (ALUBRAT 201740). Editora da Revista Transdisciplinar, escritora, membro do Colégio Internacional de Terapeutas e da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana. www.artezen.org e <http://revistatransdisciplinar.com.br>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

4 – ARTE REABILITAÇÃO EM INTERFACE COM A REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA

Propostas e reflexões sobre a prática e instrumentos na intervenção

Mires Najar*

A arte representa um caminho da realidade humana (Ostrower, F.)

RESUMO:

Este artigo visa trazer reflexões dos aspectos contextuais da Reabilitação Neuropsicológica em uma perspectiva integrada junto a Arteterapia na Reabilitação. Trata-se de um estudo relacionado às práticas e teorias experienciadas. Através de observáveis, por dados obtidos na avaliação neuropsicológica e pelas intervenções arteterapêuticas propostas a pacientes que apresentam sequelas neurológicas, refletimos sobre o quanto a comunicação entre essas duas áreas distintas ampliam o olhar e contribuem com recursos capazes de auxiliar também no desenvolvimento de pesquisas futuras. Cria outros caminhos em âmbitos consideráveis para o registro das intervenções arteterapêuticas no processo de reabilitação quanto na eficácia comprovada da aquisição de novas aprendizagens visando mudanças nas áreas comportamentais, cognitivas e socioemocionais quanto em abordagens trazidas pelo arteterapeuta diante de demandas complexas que requeiram maior aprofundamento para resultados compensatórios. Com isso, acredita-se que o conhecimento mais abrangente da Reabilitação Neuropsicológica aliada às intervenções da Arte reabilitação em contextos hospitalares pode colaborar para um processo dinâmico, pontual, criativo e consolidado junto à reabilitação de pacientes que apresentam sequelas após traumas cerebrais.

Palavras-chave:

Arteterapia; arte reabilitação; reabilitação cognitiva; neuropsicologia.

ABSTRATC:

This article aims to bring reflections on the contextual aspects of Neuropsychological Rehabilitation in an integrated perspective with Art Therapy in Rehabilitation. This is a study related to the practices and theories experienced. Through observable, data obtained in the neuropsychological assessment and the art therapy interventions proposed to patients with neurological sequel, we reflect on how much the communication between these two distinct areas broadens the view and contributes with resources capable of also assisting in the development of future research. It creates other paths in considerable scopes for the registration of art therapy interventions in the rehabilitation process as in the proven effectiveness of the acquisition of new learning aimed at changes in behavioral, cognitive and social-emotional areas as well as in approaches brought by the art therapist in the face of complex demands that require greater depth for results compensatory. With this, it is believed that a more comprehensive knowledge of Neuropsychological Rehabilitation combined with Art rehabilitation interventions in hospital

*Mires Najar - Graduada em Artes Visuais pela UFG; Especialista em Arteterapia; Psicologia Junguiana; Neuropsicologia; Reabilitação Cognitiva. Membro da ABCA 043/1207; atua como Arteterapeuta/Arte Reabilitadora no Centro Estadual de Reabilitação e Readaptação Henrique Santillo, em Goiânia desde 2005. Este artigo foi adaptado do TCC em Reabilitação Cognitiva pela Faculdade Delta - CEAPGO-19/2021. WhatsApp 62 98114 8854 Instagram: @miresnajar_arteterapia/ e-mail: miresnajar@hotmail.com CL: <http://lattes.cnpq.br/0847513966284924>

contexts can contribute to a dynamic, punctual, creative and consolidated process with the rehabilitation of patients who have sequel after brain trauma.

Keywords: Art therapy; art rehabilitation; neuropsychological rehabilitation; cognition; neuropsychology

Em nossa escolha científica urge a necessidade de compartilhar e comunicar com outros grupos que abrem os olhos para dimensões não convencionais do cuidado humano, caminhos e pistas de maior integração e sentido para o fenômeno do sofrimento e do amparo, da vida e da morte, da beleza, do prazer. Somos alimentados pelo fio da vida e, apesar de nos faltar, por vezes, a legitimidade institucional que confere maior amparo material para pesquisas que adotem outras perspectivas, há um amparo íntimo e transcendente que suspira criatividade, que canta inventivo e que adorna o tempo da presença com o acalanto vívido das paisagens mais belas de nosso planeta. Assim, o pulsar da ciência permanece com nossa presença, respeitosa e inventiva, periférica e nuclear, de potência ainda desconhecida para nós que hoje damos esses passos. (Barreto, A.F.)

INTRODUÇÃO:

Quando discutimos os benefícios relacionados a um programa de intervenção é importante esclarecer os conceitos associados. Consideramos como recursos necessários para uma intervenção e tratamento apropriados, tanto na área da Arteterapia quanto nos programas de reabilitação a comprovação de evidência dos planos de intervenção na prática clínica, a eficácia e a efetividade. Partimos do pressuposto que a Arteterapia relaciona significados e descobertas criando novas conexões, criando alternativas e um envolvimento multifacetado da pessoa com o todo, com o outro, com ele mesmo e com todo o ambiente que o envolve. Inclui, considera e permite um crescimento adaptável, em vários níveis perceptivos, sensoriais, emocionais, físico, espiritual,

social e cognitivo em busca de um modo saudável de vida. Atua com técnicas e ferramentas advindas da arte, ciência, educação, espiritualidade e psicanálise.

O Arteterapeuta fundamenta seu trabalho no conhecimento da Arte, Antropologia, Gestalt, Filosofia. Traz como princípio o despertar de conteúdos adormecidos e o desenvolvimento de capacidades e a potencialização das mesmas. Favorece o desenvolver no meio biopsicossocial do indivíduo e se em contexto da reabilitação, abrange aspectos cognitivos no estímulo das funções neurológicas como um todo e, no resgate de uma vida saudável com mais qualidade. De acordo com Ostrower (1993), "Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo." Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse novo "novo", de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. A Arteterapia na reabilitação entende o indivíduo como um ser criativo, sendo uma intervenção facilitadora do processo de desenvolvimento emocional/cognitivo e na identificação e avaliação observacional das construções disfuncionais do sujeito.

A representação artística pode ser um reflexo de experiências passadas, bem como de sonhos que o paciente aspira. Com efeito, além do movimento do corpo, a produção de uma arte apela à imaginação, intuição, pensamento e emoções. Esses elementos aparecerão na atividade como uma intenção, ação e saída.

Consideramos o fenômeno artístico e, portanto, a mola mestra do trabalho do Arteterapeuta, é reunir tudo o que emerge do observável na prática da atividade artística retornando para a materialidade e reorganização interna. Compreendemos que

durante o processo arteterapêutico há uma mobilização de mecanismos saudáveis do indivíduo, sendo facilitado por estratégias terapêuticas visando objetivos e resultados abrangentes. Fundamental que o profissional Arteterapeuta tenha o conhecimento das técnicas e do manejo terapêutico com solidez na sua formação e compreensão, a partir de suas próprias experiências adquiridas e na vivência com o outro e com os fatores externos, tendo um embasamento sério em suas intervenções.

Na decodificação de recursos materiais e técnicas, que são oferecidas de acordo com a linguagem a ser expressada, a Arteterapia na Reabilitação se encontra lado a lado com situações complexas onde os déficits se opõem à abstração, inibem a imaginação e o raciocínio para o aprofundamento de algumas questões que necessitam a absorção e reflexão para que cheguem a ser compreendidas pelo sujeito.

A utilização dos recursos artísticos na terapia favorece a dinâmica dos novos significados que se revelam e que são os meios que favorecem o autoconhecimento e a autopercepção para novas descobertas e mudanças.

Para Rohling, Faust, Beverly, & Demakis, (apud GINDRI, 2012), a reabilitação cognitiva envolve o treino dos processos cognitivos em déficits para recuperação das capacidades originais e/ou buscando o desenvolvimento de estratégias compensatórias promovendo melhor desempenho nas tarefas diárias. A compensação pressupõe que a pessoa irá aprender a compensar os seus déficits através do recurso a novas estratégias recorrendo às suas competências cognitivas preservadas.

A Neuropsicologia é uma disciplina responsável por entender as relações entre as funções cerebrais, cognição e alterações de comportamento, atuando no diagnóstico, acompanhamento, tratamento e pesquisa. O principal instrumento do neuropsicólogo é a avaliação neuropsicológica. Trata-se de uma ciência também multidisciplinar, onde profissionais de diferentes especialidades contribuem no diagnóstico e no tratamento de pacientes neurológicos e psiquiátricos, com o objetivo de promover a reabilitação. Essas três abordagens trazem entre si,

conexões que envolvem objetivos que na prática buscam verificar, observar, avaliar, desenvolver e estimular capacidades e habilidades que foram perdidas ou não estão mais preservadas e tratam de intervir no resgate do indivíduo, readaptando e inserindo-o a um convívio com seus pares. Nosso olhar e nosso objetivo neste relato buscam sobremaneira, contextualizar essas três áreas como modelo de um trabalho holístico que pode ser ampliado e trazer maior colaboração e eficácia no atendimento ao paciente, através do estabelecimento de uma relação de ajuda que promove mudanças e sentido ao tratamento.

E nossa justificativa para essa proposta, é aliar estudos advindos da Reabilitação Neuropsicológica pela validação dessa prática que tem sido reconhecida pelos resultados obtidos. E como há pouca pesquisa científica nessa área da Arte Reabilitação, poderemos elaborar padrões específicos fundamentados que possam validar prática e teoria.

Sabemos que a condição de vida crônica associada à lesões encefálicas adquiridas, deve ser altamente considerada pelo estado de saúde do indivíduo quanto pela condição social, emocional e o contexto em que ele se insere. Dessa forma, a reabilitação voltada a uma abordagem holística, sem esquecer funções orgânicas e emocionais integra o conhecimento das funções cerebrais e traz a expressão da arte para um lugar de busca da capacidade humana e do sentido da vida.

OBJETIVOS:

O objetivo desse estudo é abordar e sugerir o conhecimento das funções cerebrais e a capacidade neural que vem a ser estimulada ou reabilitada após um déficit, com técnicas e instrumentos capazes de avaliar, intervir e mensurar a eficácia das mesmas e seus resultados na Arte Reabilitação.

Visa abrir caminhos para um estudo mais profundo, alicerçado em bases teóricas das neurociências e traçando novos modelos e metas que sejam planejadas em função da reabilitação do paciente e da participação da família, criando estratégias para um protocolo de tratamento específico, expandindo técnicas e conhecimentos da criatividade, expressão da arte e da cognição.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de caso, que reflete sobre as intervenções arteterapêuticas e a condução nos processos de avaliação neuropsicológica e da reabilitação cognitiva e dos resultados dessas intervenções à vista de práticas e estudos adquiridos no estágio, com um paciente idoso, já em atendimento na Arte Reabilitação, apresentando sequelas de AVC (Acidente Vascular Encefálico), com queixas de déficits de memória, dificuldades na interação social e ansiedade.

Estas abordagens permitiram avaliar os dados recolhidos, os resultados dos testes neuropsicológicos aplicados, às orientações clínicas e outras fontes de informação na literatura específica, a fim de identificar corretamente o problema, sua aplicação na reabilitação neuropsicológica e reavaliar o desfecho para melhorias futuras na continuidade do processo de arte reabilitar.

Diante do caso desse paciente, foi possível identificar pela avaliação neuropsicológica, suas dificuldades e capacidades preservadas, orientar conduta após a mesma, incluir a família como parte desse processo, promovendo a autopercepção dos déficits para serem trabalhados e desenvolver aspectos preservados, trazendo também a leitura do envolvimento emocional antes e pós-AVC, fator proeminente e determinante com influência sobre sua forma de enfrentamento da vida.

Este artigo foi realizado baseado nos estudos da reabilitação cognitiva e neuropsicológica e nas experiências da autora como profissional das práticas integrativas, no caso a Arteterapia; prática essa que está inserida no SUS, e encontra-se também no Código Brasileiro de Ocupações (família 2263-10), e que vem sendo aplicada em um hospital de reabilitação, na cidade de Goiânia, como uma terapia interventiva em portadores de deficiências físicas e neurológicas.

Buscamos questões sobre os mecanismos cerebrais que estão na base da percepção e da memória, da fala e do pensamento, do movimento e da ação. E o que acontece quando há uma lesão. Isso nos impulsionou a esse movimento de descobertas e investigação sobre a estrutura da atividade

mental e seu funcionamento. Mas também com a influência sobre o fator emocional, a fragilidade do paciente diante das limitações impostas, a dependência em alguns aspectos das AVDs (atividades da vida diária) e sociabilização, diminuição da autonomia e pouca comunicação com outras pessoas, levando-o ao isolamento por inibição pela dificuldade no processamento da fala.

A Reabilitação Neuropsicológica ainda é considerada um campo vasto, mas pouco explorado, que contribui para capacitar pacientes e familiares com objetivo de desenvolver estratégias que auxiliam na convivência, ao lidar e contornar situações, reduzir ou superar impactos nas deficiências cognitivas vindas de sequelas neurológicas ou danos neuropsiquiátricos. Condições essas consideradas imprescindíveis para a atuação básica interdisciplinar. Mesmo quando não há uma lesão propriamente dita, mas sim alteração ou distúrbios em sistemas e estruturas cerebrais, indica-se a Reabilitação Neuropsicológica, independente de faixa etária.

A Avaliação Neuropsicológica foi composta de diversas etapas, iniciando com as entrevistas feitas com o paciente e seu familiar, tendo como base a observação clínica do comportamento, diagnóstico, histórico de vida, estado físico e emocional, considerando nível de escolaridade e postura do paciente durante o processo da avaliação. Foram realizados testes de rastreio cognitivo, escalas e questionários, como também pela análise quantitativa e qualitativa de testes neuropsicológicos, sendo todos esses instrumentos utilizados de uso não restrito ao psicólogo. Essa análise esteve sustentada no raciocínio científico pela teoria da neuropsicologia, pelo estudo e conhecimento do funcionamento do sistema nervoso central, patologias, pela teoria cognitiva, comportamento e desenvolvimento humano, estatística e psicometria.

Durante a avaliação foram utilizadas as seguintes estratégias avaliativas: Rastreios, Escalas, Questionários e Testes Neuropsicológicos: – Montreal Cognitive Assessment – Basic-MoCa; – Neupsilin; – Figura Complexa de Taylor – FCR (Rey, 2010); – Sinos; – Trail making A e Trail Making B; – Bateria Cognitiva Breve (Nitrinni); – Teste de Evocação Livre e com

Pista (TESLIP); – Labirinto; – Minnesota; – Avaliação das Atividades de Vida Diária – Pfeifer; – Escala de Atividades Instrumentais do dia a dia (IADLS); – Escala de Avaliação da Ansiedade de Hamilton; – Inventário de Ansiedade Geriátrica (GAIBR); – Escala de depressão Geriátrica (GDS).

De acordo com Haase, et al.(2012),

...os instrumentos neuropsicológicos foram desenvolvidos a partir de uma tradição muito antiga e interdisciplinar de clínica e pesquisa. Os fatos históricos e argumentos apresentados constituem ferramentas para o fato de existir, há séculos, uma categoria de instrumentos neuropsicológicos, os quais não se constituem em testes psicológicos. Tais instrumentos foram, são e serão desenvolvidos a partir das necessidades diagnósticas percebidas pelos diversos profissionais atuando na área interdisciplinar de Neuropsicologia. A utilização de técnicas estatísticas de validação e normatização decorre da filosofia de assistência à saúde baseada em evidências, a qual é prevalente em nossa época.

A partir de uma avaliação, conseguimos acompanhar o paciente durante cada elaboração com mais acurácia diante de seu comportamento, na verbalização e compreensão dos comandos e como ele consegue captar o que foi solicitado.

Quando a compreensão se mostra deficitária, a abstração e retorno do que foi proposto não alcança o objetivo, e a atividade se mostra ineficaz. Tanto pelas perdas cognitivas quanto pelo estado emocional, muitas vezes relacionados a algum tipo de lesão, que contraria o que esperamos diante de uma reflexão absorvida por conteúdos emergidos para serem compreendidos e transformados, no processo arteterapêutico.

A Arteterapia possibilita e oportuniza o autoconhecimento, a expressão e o enfrentamento da dor com mais serenidade. Como também auxilia a diminuir os níveis de tensão, estresse emocional e físico, tristezas, angústias e ansiedade, eleva a autoestima e ainda contribui com suas práticas específicas para a manutenção da concentração,

estimula a atenção e memória, facilitando a estabilidade de um estado melhorado e o alcance de novas aquisições.

Mas a subjetividade que ela nos traz, dificulta a exatidão nas avaliações para evidência de resultados do processo. Ainda de acordo com Ostrower (1993),

Compreendemos que todos os processos de criação representam, na origem, tentativas de estruturação, de experimentação e controle, processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a identificar-se com a matéria. São transferências simbólicas do homem à materialidade das coisas e que novamente são transferidas para si.

Trazemos reflexões de experiências baseadas no período de vários anos de trabalho com pacientes da clínica de lesões encefálicas adquiridas. Pensamos a reabilitação com a necessária clareza junto à equipe, família e paciente, orientando e conduzindo o processo conscientizando que em muitos casos não é possível alcançar a recuperação total das habilidades cognitivas e funcionais. Mas propondo ampliar e capacitar tanto quanto possível uma nova realidade aliada à adaptação e a qualidade de vida do paciente.

Portanto, o tratamento é também pautado nos déficits, nas inabilidades ou nas habilidades preservadas, buscando atingir os objetivos traçados. Segundo LÚRIA (apud PINHEIRO, 2005),

toda atividade mental humana é um sistema funcional complexo efetuado por meio de uma combinação de estruturas cerebrais funcionando em concerto, cada uma das quais dá a sua contribuição particular para o sistema funcional como um todo.

Segundo alguns autores, a Arteterapia proporciona aos pacientes solicitar, refletir, experimentar e aperfeiçoar pensamentos e experiências. Kaplan (2000) enfatiza a importância da utilização da Arteterapia para pessoas com deficiências cognitivas, devido à sua capacidade de evocar o prazer sensual e sentimentos de satisfação. Por meio dessa estimulação sensorial podemos perceber

uma ampliação da conscientização e atenção, assim como fornece um novo enfoque através da valorização e exploração de materiais.

As habilidades alcançadas com as intervenções por meio da arte podem aumentar e servir de compensação em alguns casos de deficiência cognitiva, colaborando para o retorno ainda da autoestima e motivação.

A abordagens reabilitativas constituem um papel fundamental no funcionamento biopsicossocial do paciente. Acredita-se que dessa forma o encontro entre essas áreas possa colaborar para o enfrentamento da doença tanto pela família quanto pelo paciente, de forma integral, preparando-os para um futuro pós-reabilitação, inserindo-o ao meio social e/ou profissional.

Durante o processo de reabilitação, o paciente obtém a conscientização sobre as suas capacidades remanescentes, auxiliando-o a adquirir o autoconhecimento de suas capacidades e fragilidades e uma aceitação de sua nova realidade. A percepção de si mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana. Movido por necessidades concretas sempre novas, o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação. Ele afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais.

Para tanto, a percepção consciente na ação humana se nos afigura com uma premissa básica da criação, pois além de resolver situações imediatas o homem é capaz de a elas se antecipar mentalmente. Não antevê apenas certas soluções. Mais significativa ainda é a sua capacidade de antever certos problemas. Daí podermos falar da "intencionalidade" da ação humana (Ostrower, 1993).

Pontuamos sobre a importância da Reabilitação Neuropsicológica e a Arteterapia, e o uso da CIF (Classificação de Independência e Funcionalidade), onde o desenvolvimento é biopsicossocial: o indivíduo deve ser avaliado e tratado como um todo, na medida em que não apenas existem múltiplos domínios do funcionamento, mas estes estão interligados,

tendo impactos recíprocos e complexos uns sobre os outros. Uma avaliação que amplia e movimentam vários domínios, referencia para o olhar global e dinâmico sobre a pessoa.

Com estas aplicações na prática é possível uma maior inter-relação entre os diversos níveis de funcionamento do indivíduo e seu meio, possibilitando a adoção de técnicas mais ecológicas e abrangentes e servindo de guia para a adoção de instrumentos de avaliação e de estratégias terapêuticas (Pinheiro-Chagas, Freitas & Haase, 2007).

Podemos acrescentar que a Avaliação Neuropsicológica trouxe dados consistentes sobre as queixas do paciente, elucidou outras questões, ao constatar memória mais preservada e alguns déficits nas funções executivas, mostrando ainda a existência de outras incapacidades latentes. E diante das intervenções de reabilitação cognitiva junto à Arteterapia, os resultados obtidos demonstraram que foram capazes de elevar a autoestima, a volição e melhora na verbalização do paciente, auxiliando ainda quanto a sua melhor comunicação no grupo, interação na família e na capacidade de autopercepção.

DISCUSSÃO

Além da escolha da abordagem, o terapeuta deve estar atento às evidências e efeito terapêutico de forma a avaliar a resposta do paciente para o tratamento proposto. Deve procurar criar medidas que possam acompanhar a evolução do paciente durante o processo de reabilitação, premissa que não deve pautar seu julgamento pelo avanço apenas dos resultados da reavaliação nos testes cognitivos. A Avaliação Neuropsicológica é um processo complexo e amplo de exame de desempenho e de funcionalidade de diferentes componentes cognitivos e de sua relação com a queixa e/ou o quadro de base do indivíduo.

Consiste, assim, na detecção, na quantificação e na interpretação da disfunção cognitiva, comportamental e emocional causada por lesão ou disfunção cerebral, (segundo Labos, Perez, Prenafeta, & Choncol (apud Miotto, 2005) ou de habilidades cognitivas mais fortes ou mais fracas na ausência de diagnóstico específico (Fonseca et al. (2012).

A maioria dos autores e profissionais da Reabilitação Neuropsicológica, concordam que o plano de reabilitação deve ser constantemente revisto de acordo com o desenvolvimento alcançado, ajustando-se técnicas e abordagens a fim de adequá-las às respostas de cada paciente, não sendo a Reabilitação Neuropsicológica formada, simplesmente por métodos engessados ou sem flexibilidade.

Ao entrarmos no campo da neurociência das emoções, vamos nos deparar com uma complexidade para estabelecimento dessa interface entre subjetividade e objetividade que a vivência emocional requer. Sendo muito importante essa consideração na Avaliação Neuropsicológica, pois existe a implicação do lidar com o estresse do cotidiano para obtenção de uma melhor qualidade de vida do paciente.

O paciente em reabilitação por lesão encefálica adquirida, geralmente apresenta perdas cognitivas importantes, que influenciam sobremaneira sua vida. Além de sequelas físicas, que se encarregam de provocar a mudança social e emocional, gerando traumas tanto para o paciente quanto para a família.

A dependência do outro, a ruptura de um trabalho, o afastamento dos amigos, de espaços limitados e ações corporais muitas vezes comprometidas, diminuem a motivação, a iniciativa, a volição, a autoestima. Sobrevém ainda a depressão, a ansiedade, o isolamento. Dessa maneira, é necessário o empenho da equipe multidisciplinar, contribuindo para que o processo de reabilitar seja realizado com um olhar diferenciado por cada um, mas com o mesmo propósito, de estabelecer o elo entre a equipe, paciente e família.

Outros autores nos falam que, a experiência emocional envolve a integração das sensações corporais e dos eventos externos, alterando o estado do corpo. Entrar nesse campo das multiplicidades subjetivas e abstratas da arte e suas relações com as emoções, nos processos de desenvolvimento cognitivo, também requer complexidade e sustentação para busca de objetivos claros e eficazes, nem sempre capazes de se delinear pela subjetividade desse processo.

Não nos esqueçamos de que as ações humanas são guiadas e motivadas em primeiro lugar, por necessidades biológicas, e, em segundo lugar, por objetivos considerados sociais e cognitivos. É nessa visão sobre as experiências emocionais e cognitivas que trazemos essas possíveis trocas e considerações sobre essas abordagens que segundo Reisberg & Heuer (apud Miotto, 2005),

possivelmente, os eventos emocionais são mais lembrados por serem importantes para o indivíduo, o que garante maior atenção, retenção e recordação em experiências futuras. No mesmo sentido, a experiência emocional persiste por um tempo maior na memória operacional, permitindo, assim, a reverberação ou a reciclagem os eventos a serem codificados.

Ora, isso nos traz as possibilidades de intervenções arteterapêuticas aliada à estimulação cognitiva, pois amplamente sabemos do potencial que a Arteterapia conduz quando o paciente em atividades voltadas à ressignificação e reestruturação de memórias e fatos relacionados às suas vivências, consegue resgatar e reverbera em suas emoções de forma positiva e com desenvolvimento das funções cognitivas.

A Reabilitação Neuropsicológica, numa fusão de elementos que colocam o paciente como um ser único, multifacetado, mas possivelmente capaz de se adaptar a essas intervenções, também coloca o profissional mais atento e diante de possibilidades cabíveis de um alcance terapêutico elegível e com bons resultados. Ainda estamos em elaboração dessa sustentação de abordagens investigativas na Arte Reabilitação buscando encontrar caminhos para avaliação das práticas utilizadas.

Sabemos dos benefícios restauradores e transformadores do processo arteterapêutico já em uso em vários contextos da saúde. Espera-se maior atenção aos pontos fortes e significativos para que essa atividade seja inserida nas instituições de reabilitação como prática positiva, eficaz e relevante. E, portanto, nossas considerações seriam para um maior aproveitamento desses conhecimentos, trazendo no processo do

paciente atendido, a condição apropriada e específica sobre seu desempenho, promovendo nesse caminho investigativo e aprofundado entre neuro, cognição e arte, um meio facilitador para comprovação científica dos resultados alcançados nessa interface.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrar em um campo das Neurociências, trazendo experiências profissionais advindas da Arteterapia com foco em reabilitação, buscando o conhecimento e a cientificidade ligada a causas neurológicas, comportamentais e cognitivas, nos capacita a ter um olhar mais ampliado sobre o ser humano.

Onde o raciocínio clínico, observacional e prático se interpõem em dados, de forma estruturada, mas sempre holístico e integral com foco no ser, capaz de nos instigar a buscar sempre o que pode ser proporcionado nesse campo de acolhimento e cuidado.

A Arteterapia e a Reabilitação Neuropsicológica, nesse estudo, visam criar e movimentar relações para um melhor tratamento ao promover o desenvolvimento cognitivo e integrar essas áreas da neurociência para que possam ser trabalhadas para o bem estar e a qualidade de vida de quem necessita. Reabilitar por meio da Arteterapia escapa às práticas tradicionais, rompe com o já conhecido nesse processo, desafia paradigmas, embora com poucas pesquisas na área de Arte Reabilitação, essa prática tem crescido e sido utilizada com êxito em algumas instituições do país.

Espera-se uma contribuição maior em pesquisas futuras. Uma Arte Reabilitação com evidências e registros dos resultados de suas intervenções. Uma avaliação neurofuncional e um raciocínio clínico, flexível e adaptativo a cada indivíduo, conduzindo o olhar do Arteterapeuta em abordagens que tão significativamente contribuem para o resgate da saúde e inclusão de pessoas em situação pós-traumáticas, integrando e resgatando o indivíduo nas suas diversas dimensões.

Acreditamos que, ao adentrar esses caminhos tão próximos, mas distintos em suas interfaces, possamos contribuir para

consolidar o uso dos recursos e técnicas expressivas da arte na reabilitação. Como também, pressupõe-se que a fundamentação holística e multidimensional da Reabilitação Neuropsicológica, possa obter nessa interação, uma contribuição do trabalho do Arteterapeuta, com um olhar mais ampliado da expressão da arte como função terapêutica criativa e promotora do estímulo também cognitivo, para o tratamento e desenvolvimento do ser humano integral.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A., F., Organizador; **Práticas Integrativas em Saúde: proposições teóricas e experiências na Saúde e Educação**. Recife: Editora UFPE, 2014. 345 pgs) Disponível em: http://www.neplame.univasf.edu.br/uploads/7/8/9/0/7890742/livro_praticas_integrativas_em_sa%C3%BAde_versao_final.pdf

CATERINA, R. **Che cosa sono le Arti-Terapie**. Roma: Ed. Carocci, 2005.

FONSECA, R., et al., **Métodos em avaliação neuropsicológica: Pressupostos gerais, neurocognitivos, neuropsicolingüísticos e psicométricos no uso e desenvolvimento de instrumentos**, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301947117_Metodos_em_avaliacao_neuropsicologica_Pressupostos_gerais_neurocognitivos_neuropsicolinguisticos_e_psicometricos_no_uso_e_desenvolvimento_de_instrumentos.

GINDRI, G., Gigiane Gindri. Thirzá, Baptista Frison., Camila Rosa de Oliveira., Nicolle Zimmermann., Tânia Maria Netto., J. Landeira-Fernandez., Maria Alice de Mattos, Pimenta Parente., Perrine Ferré., Yves Joannette. Rochele, Paz Fonseca. **Métodos em reabilitação neuropsicológica**. [http://www.soupro.com.br/nnce/Arquivos/Artigos/2012/gindri_etal_\(2012\).pdf](http://www.soupro.com.br/nnce/Arquivos/Artigos/2012/gindri_etal_(2012).pdf).

GOUVEIA, P. et al. (2001). **Metodologia em reabilitação neuropsicológica de pacientes com lesão cerebral adquirida**. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 28 (6), 295-299.

HAASE, Vitor Geraldi et al. **Neuropsicologia como ciência interdisciplinar: consenso da comunidade brasileira de pesquisa** - <http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

dores/clínicos em Neuropsicologia Latinoamericana [online]. 2012, vol.4, n.4, pp. 1-8. ISSN 2075-9479. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5579/rnl.2012.125>.

HOGAN S. 2001. **Artes da cura: A história da arte terapia**. Londres: Jessica Kingsley.

KAPLAN F. 2000. **Arte, ciência e arte terapia**. Philadelphia: Jessica Kingsley.

MIOTTO, E., C. Andrade, V., M., Santos, F.H., e Bueno, O. F. A., **Neuropsicologia Hoje**. Brazilian Journal of Psychiatry [online]. 2005, v. 27, n. 1 [Acessado 26 Junho 2021], pp. 85. Disponível em: Epub 14 Abr 2005. ISSN 1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462005000100019>.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 187 p. Ilus. 153.35 / O85c / 9 ed.

PINHEIRO-CHAGAS, P.; Freitas, P. M. & Haase, V.G. (2007) **O Impacto da CIF na Paralisia Cerebral** (no prelo). In: Francisco José Penna & Vitor Geraldi Haase. (Orgs.). Aspectos biopsicossociais da saúde na infância e adolescência. Belo Horizonte: COOPMED.

PINHEIRO, M. **Aspectos Históricos da Neuropsicologia**: subsídios para a formação de educadores. Educar, Curitiba, n. 25, p. 175-196, 2005. Editora UFPR. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ern25/n25a11.pdf.

PONTES, L.M.M. e Hübner, M.M.C., **A reabilitação neuropsicológica sob a ótica da psicologia comportamental**. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]. 2008, v. 35, n. 1 [Acessado 26 Junho 2021], pp. 6-12. Disponível em: . Epub 18 Abr 2008. ISSN 1806-938X. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000100002>.

RIBEIRO, R. L., **Neuropsicologia hoje** [recurso eletrônico] / Neurobiologia das emoções, Cap 8; Organizadores, Flávia Heloísa Dos Santos, Vivian, Maria Andrade, Orlando F. A. Bueno. – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2015.

ROCHARD, E. **Une expérience d'art-thérapie à dominantes arts visuels bidimensionnels, poésie et écoute musicale auprès de personnes victimes d'un accident vasculaire cérébral récent** – Disponível em: http://www.applis.univ-tours.fr/scd/Medecine/ArtTherapie/2011_Art-Therapie_VisentinMarieChristine.pdf

ROHLING, M.L., Faust, M.E., Beverly, B., & Demakis, G. (2009). **Effectiveness of cognitive rehabilitation following acquired brain injury**: A metaanalytic re-examination of Cicerone et al.'s (2000, 2005) systematic reviews. *Neuropsychology*, 23 (1), 20-39.

WILSON, BA. **Models of cognitive rehabilitation**. In: Wood RL, Eames P (eds.). *Models of brain injury rehabilitation*. London: Chapman & Hall; 1989.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 20 - Ano 10 - Nº 20 – 2º semestre/2022 ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezen.org

5 – TUDO PASSA

Lucymeire Ferraz*

Tem vezes que o dia entra pela minha janela
e vem descansar como um fardo bem nas minhas costas.

O esforço para erguer meu corpo me traz um cansaço
que extingue o repouso da noite
e coloca em seu lugar uns 10 anos transcorridos nas últimas 8 horas.

Como pode, se os passarinhos estão lá, do mesmo jeito
com seu canto excitado pelo raiar do dia,
o sol entra e me acaricia a pele como faz todo dia...
está tudo aí.

Tudo lindo, posso ouvir o mar e sentir a brisa.
E eu com essa sensação de que o inverno acaba de chegar
e escurece tudo dentro de mim.

Mas mesmo assim me levanto, olho em torno em preto e branco.
Torço pro dia passar logo e que tudo se transforme em primavera...
Choro, me encolho, me recolho.

E o dia passa.
E o outro chega.
E a primavera vem.

E o sol entra de novo por minha janela,
agora como mãos carinhosas se estendendo
e me chamando pra vida.
Me fazendo cócegas, rir sem motivo.

Tudo é transitório.
Tudo passa.
Que bom.

***Lucymeire Ferraz** – Escritora, administradora, ceramista das horas vagas, arteterapeuta junguiana, mãe, companheira, avó, mulher. Sou baiana, de Ibotirama e moro em Camaçari-BA e em Ellenberg, na Alemanha, quando fico perto de meus filhos e neto. Particpei de coletâneas junto ao Movimento Nacional Elos Literários e Literatura e Amizade. Em 2020 lancei meu primeiro livro *um canto dentro de mim*, fruto de um mergulho no autoconhecimento. Em 2021 fiz uma incursão no lindo universo infantil com *Coisa de Menino Esticado* em homenagem aos corações que nunca envelhecem. Os dois livros estão à venda nas principais plataformas digitais e no blog da autora. INSTAGRAM: luferrazulmer BLOG: www.lucymeireferraz.com.br